

THE WALKING DEAD

A ASCENSÃO DO GOVERNADOR

**ROBERT KIRKMAN
E JAY BONANSINGA**

Tradução de Casimiro da Piedade

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Para a Jeanie-B, e o Bill... os amores da minha vida.

— Jay

*Para a Sonia, o Peter e a Collette... Prometo que irei abrandar
o ritmo de trabalho assim que consiga pagar a vossa universidade.*

— Robert

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos especiais ao Robert Kirkman, e Brendan Deneen, Andy Cohen, David Alpert, Stephen Emery e a toda a gente boa do Circle of Confusion.

— Jay

Um super obrigado ao Jay Bonansinga, ao Alpert e ao resto do Circle of Confusion, à malta excelente dos Image Comics, e ao Charlie Adlard por manobrar o navio. O meu respeito ao Rosenman, ao Rosenbaum, ao Simonian e ao Lerner.

E, claro... ao Brendan Deneen.

— Robert

PARTE 1

OS HOMENS OCOS

*Não há nada de glorioso em morrer
Qualquer pessoa consegue fazê-lo.
— Johnny Rotten*

UM

É no momento em que se aconchega no meio da escuridão bolorenta, com uma sensação de terror a oprimir-lhe o peito e uma dor aguda nos joelhos, que ocorre ao Brian Blake o seguinte: se ao menos tivesse um *segundo* par de mãos, poderia tapar os *seus* ouvidos e talvez conseguir bloquear o som de cabeças humanas a serem esmagadas. Infelizmente, as únicas mãos que o Brian possui estão ocupadas nesse preciso momento a cobrir as pequeninas orelhas da menina que está ao seu lado dentro do armário.

A menina, de uns sete anos, continua a tremer nos seus braços, e tem espasmos a cada CHAACK-GAHHHH-TUMP que ouve do lado de fora do armário. Depois vem o silêncio, quebrado apenas pelo som viscoso de botas sobre um soalho coberto de sangue, e a agitação de sussurros enraivecidos ao fundo no vestíbulo.

O Brian recomeça a tossir. Não consegue evitá-lo. Anda a debater-se há dias com esse maldito resfriado, com dores nas articulações e com a sinusite. Acontece-lhe sempre isso na chegada do outono, quando os dias na Georgia começam a ficar mais frios, húmidos e sombrios. A humidade penetra-lhe os ossos, esgota-o e tira-lhe o ar. E agora, de cada vez que tosse, sente a picada dolorosa da febre.

Apesar de outro ataque de tosse seca, que o faz quase chiar e dobrar-se sobre si mesmo, ele consegue manter as mãos apertadas contra os ouvidos da pequena Penny. Sabe que o som do seu pigarro começa a atrair todo o tipo de atenções do outro lado da porta do armário, por todos os compartimentos da casa, mas não pode fazer nada para o evitar. A cada convulsão de tosse, vê pequenos fios de luz, como minúsculos filamentos de filigrana ou faíscas de fogo de artifício que atravessam as suas pupilas cegas.

Dentro do armário, pouco mais de um metro e vinte de largura e pouco menos de um metro de profundidade, está escuro como breu, e cheira a bolas de naftalina, excrementos de rato e madeira de cedro envelhecida. Casacos envoltos em sacos de plástico pendem na escuridão e roçam o rosto de Brian. O seu irmão mais novo, o Philip, disse-lhe que não fazia

mal tossir no armário. Na verdade, o Brian podia até explodir de tosse se o quisesse — isso iria, pelo menos, afugentar os monstros — mas era bom que não pegasse o raio do resfriado à filha do Philip. Se isso acontecesse, o Philip ia rachar a cabeça do Brian a meio.

O ataque de tosse passa.

Momentos depois, outras passadas arrastadas voltam a perturbar o silêncio fora do armário — mais uma daquelas coisas mortas a entrar na zona de morte. O Brian aperta os ouvidos da Penny ainda com mais força e a criança encolhe-se perante a iminência de outra interpretação de Quebra Crânios em dó menor.

Se alguém lhe pedisse para descrever a cacofonia que vinha do outro lado da porta do armário, o Brian teria de recordar-se dos seus dias como dono de uma malograda loja de instrumentos musicais e diria que o som de cabeças a serem quebradas se assemelha a uma sinfonia de percussão que alguém pudesse tocar no Inferno, uma faixa marada e rejeitada de Edgar Varèse ou um solo de bateria de John Bonham sob efeito de drogas duras, com a repetição de certos versos e coros: a respiração profunda de seres humanos... os passos entaramelados de outro cadáver ambulante... o silvo de um machado... o baque viscoso do metal a enterrar-se na carne... e, como final apoteótico, a queda de um peso morto e húmido no soalho de madeira pegajoso.

Outra pausa no movimento dá arrepios ao Brian. O silêncio torna-se de novo opressivo. Com a sua visão já ajustada à escuridão, ele vê o primeiro brilho do sangue espesso das artérias a passar sob a porta do armário. Parece óleo de motor. Afasta com cuidado a sua sobrinha da poça que alastra, fazendo-a encostar-se contra as botas e guarda-chuvas na parede do fundo do armário.

A bainha das calcitas de ganga da Penny toca no sangue. Ela puxa de imediato pelas calças e esfrega energicamente a nódoa, como se a mera absorção do sangue pudesse infetá-la.

Outro ataque de tosse convulsa dobra o Brian a meio. Tenta resistir-lhe. Engole em seco o vidro partido de que a sua garganta dorida parece feita, e puxa a menina para si num abraço forte. Não sabe o que fazer ou o que dizer. Quer ajudar a sua sobrinha. Quer sussurrar-lhe alguma coisa ao ouvido que a tranquilize, mas não lhe ocorre uma única coisa que dizer.

O pai dela saberia o que dizer. O Philip saberia. Ele sabe sempre o que dizer. O Philip Blake é o tipo de homem que diz as coisas que todos *desejavam* poder ter dito. Diz o que é preciso dizer e faz o que é preciso fazer. Como agora. Está lá fora com o Bobby e o Nick, a fazer o que tem de ser feito... enquanto o Brian se encolhe ali no escuro como um coelhinho assustado, sem saber o que dizer à sua sobrinha.

Apesar de ser o mais velho dos dois irmãos, o Brian sempre foi o mais fraco. Não chegando ao metro e setenta, mesmo com as botas calçadas, é um espantalho de ossos salientes, que mal consegue encher as suas calças de ganga pretas e a t-shirt rasgada dos Weezer. Uma pera, pulseiras de macramé e um tufo de cabelo à Ichabod Crane completam a imagem de uma criança abandonada e boémia de trinta de cinco anos, perdida algures num limbo de Peter Pan, e que agora se ajoelha envolta na escuridão com cheiro a naftalina.

O Brian inspira roucamente e olha para baixo, para a pequena Penny de olhos de corça e rosto aterrorizado, silencioso e branco como o de um fantasma na escuridão do armário. Ela sempre foi assim, silenciosa e sossegada, com uma pele quase de boneca de porcelana chinesa que dá ao seu rosto uma qualidade verdadeiramente etérea. Mas desde a morte da mãe que foi ficando mais ensimesmada, mais pálida e inexpressiva, a ponto de parecer quase translúcida, com pequeninos tentáculos de cabelo preto como penas de corvo a taparem-lhe os olhos enormes.

Nos últimos três dias mal disse uma palavra. É claro que foram três dias extraordinários — e o trauma tem efeitos diferentes nas crianças e nos adultos — mas o Brian tem receio de que a Penny possa estar a entrar numa espécie de estado de choque.

— Vai ficar tudo bem, miúda — sussurra-lhe ele ao ouvido, tossindo debilmente no fim como que para pontuar a frase.

Ela diz algo, sem olhar para ele. Olha para o chão enquanto balbucia alguma coisa, e uma lágrima forma uma pequena pérola que desce pela sua face suja.

— O que disseste, Pen?

Brian chega-a para junto de si e limpa-lhe a lágrima do rosto.

Ela volta a dizer algo, e de novo, e mais uma vez, mas não o faz propriamente para o Brian. Di-lo como se de um mantra se tratasse, uma oração, ou um encantamento.

— Nunca nada mais vai ficar bem, nunca-nunca-nunca-nunca-mais.

— Chiu.

Ele segura-lhe a cabeça e encosta-a contra o seu peito e as dobras da t-shirt. Sente o calor húmido do rosto dela contra as suas costelas. Cobre-lhe os ouvidos quando ouve o CHAACK de outra machadada fora do armário, o som da lâmina a esmagar a membrana do escalpe, a casca dura do crânio, e a penetrar as camadas duras até chegar à gelatina cinzenta e polposa do lóbulo occipital.

Faz um som peculiar, como o de um taco de basebol a bater numa bola molhada — o sangue ejaculado a embater no chão como uma esfregona — seguido de um horrível baque. Por estranho que pareça, é essa a pior

parte para o Brian: o baque oco e húmido de um corpo a estalar-se sobre lajes de cerâmica cara. As lajes foram desenhadas a pedido para a casa, com relevos elaborados e motivos astecas. É uma bela casa... ou, pelo menos, já o foi.

Mais uma vez os ruídos cessam.

De novo aquele horrível silêncio que goteja lentamente. O Brian abafa mais um acesso de tosse, apertando o punho contra a boca como se nele guardasse um estalinho de carnaval prestes a rebentar, procurando ouvir melhor as subtis alterações nas respirações fora do armário, os passos empastados pelo sangue. Mas tudo está mergulhado no mais profundo silêncio.

O Brian sente a criança estremecer junto a ele — a pequena Penny preparando-se para mais uma salva de golpes de machado — mas o silêncio prolonga-se.

O som de um ferrolho a abrir-se a alguns centímetros de si e a maçaneta da porta do armário a rodar deixam o Brian com pele de galinha. A porta abre-se finalmente.

— Pronto, estamos a salvo.

A voz de barítono, moldada a uísque e tabaco, vem de um homem que olha para baixo, para o fundo do armário. Com os olhos a piscarem na escuridão e o rosto a cintilar do suor e corado do esforço de matar zombies, o Philip Blake aperta um machado na sua mão sólida.

— Tens a certeza? — pergunta o Brian.

Ignorando o irmão, o Philip contempla a sua filha.

— Está tudo bem, fofinha, o papá está bem.

— Tens a *certeza*? — repete o Brian, tossindo ao mesmo tempo.

Philip olha para o irmão.

— Podias tapar a boca, não?

— Tens a certeza de que está tudo bem? — diz Brian quase num sussurro.

— Fofinha? — Philip dirige-se à sua filha com ternura, e o seu ligeiro sotaque meridional quase contrasta com as brasas incandescentes de violência que começam a apagar-se nos seus olhos. — Quero que fiques aqui mais um minuto. “Tá bem? Ficas aqui até o papá dizer que podes sair. Entendido?”

Com um aceno de cabeça impercetível, a menina pálida dá-lhe uma débil prova de assentimento.

— Vá — lança o Philip ao irmão, impelindo-o a sair da sombra. — Vou precisar da tua ajuda para limpar isto.

O Brian põe-se de pé com dificuldade e abre caminho por entre os casacos pendurados nos cabides.

Emerge do armário e tem de semicerrar os olhos por causa da luz crua do vestibulo. Olha em volta, tosse e olha um pouco mais. Durante um breve momento, tem a sensação de que o rico hall de entrada da casa de dois andares em estilo colonial, bem iluminado por finos lustres de cobres, está a ser redecorado por uma equipa de homens afetados de paralisia. Grandes manchas de borrifos cor de beringela sujam as paredes de estuque verde azulado. Padrões de Rorschach, em preto e carmesim, adornam os rodapés e as molduras, e são complementados por outras formas no chão.

Seis cadáveres encontram-se dispostos em montões ensanguentados. As suas idades e géneros estão obscurecidos pela carnificina, pelos tons lívidos e mosqueados da sua pele e pelas deformações dos seus crânios. A maior parte deles está deitada no centro de um lago de bílis que se alastra na base das grandes escadas circulares. Outro, talvez o da dona da casa, outrora possivelmente uma alegre anfitriã que oferecia tarte de pêssego e hospitalidade sulista às visitas, está agora estendido e todo contorcido sobre o lindíssimo soalho de madeira pintada de branco, e um fio de matéria cinzenta sai-lhe do crânio rachado.

O Brian sente que a sua garganta se eleva e se dilata.

— Muito bem, meus senhores, temos trabalho a fazer — diz o Philip para os seus companheiros, o Nick e o Bobby, e para o irmão, mas este mal o consegue ouvir por cima dos batimentos enlouquecidos do seu coração.

Vê os restantes corpos — no decurso dos dois últimos dias, o Philip começou a chamar aos que destrói “porcos assados a dobrar” — espalhados ao longo dos rodapés polidos e escuros no limiar da sala de estar. Talvez os filhos adolescentes que viveram aqui, talvez visitas vítimas da *inospitalidade* sulista de uma mordedura infetada, estes corpos estão ainda em plena erupção arterial. Um deles (rapaz ou rapariga?) tem a cabeça rachada deitada de rosto para baixo, como uma panela de sopa entornada, e ainda sangra, bombeando o seu fluido escarlate pelo chão com a profusão de uma boca de incêndio aberta. Dois outros ainda têm pequenos machados espetados nos crânios, enfiados até ao cabo, como bandeiras de exploradores que marcassem o triunfo sobre cumes até aí inatingíveis.

A mão do Brian voa até à sua boca, como se pudesse estancar a maré que lhe sobe do esófago. Sente umas batidas no topo do crânio, como se uma borboleta noturna esvoaçasse de encontro ao seu couro cabeludo. Olha para cima.

Caem gotas de sangue do lustre por cima da sua cabeça, e uma aterra mesmo no nariz dele.

— Nick, porque é que não vais buscar uma daquelas lonas que vimos há...

O Brian cai sobre os joelhos, inclina-se para a frente e lança um jato

de vômito sobre o soalho de madeira. A enchente fumegante de bîlis de tons caqui escorre ao longo dos ladrilhos do parquet, misturando-se com os restos dos cadáveres. Os seus olhos enchem-se de lágrimas enquanto da sua alma vertem para o chão quatro dias de tortura.

O Philip lança um suspiro tenso, e sente ainda a corrente elétrica da adrenalina a percorrer-lhe o corpo. Durante uns minutos, não faz qualquer esforço de se dirigir ao irmão; fica simplesmente ali, baixando o seu machado ensanguentado e rolando os olhos. De tanto ter rolando os olhos por causa do irmão, é um milagre que as suas órbitas não tenham ganho rugas profundas. Mas que mais pode ele fazer? O desgraçado é da família, e família é família... especialmente em tempos anormais como este.

Há sem dúvida parencas, e, quanto a *isso*, o Philip não pode fazer nada. Um homem alto, esguio e vigoroso, com os músculos de um operário, rijos como cordas, o Philip Blake é, como o irmão, moreno: tem os mesmos olhos negros e amendoados e o cabelo preto de carvão da mãe mexicano-americana de ambos. O nome de solteira da Mãe Rose era Garcia, e os seus traços tinham-se sobreposto na herança genética aos do pai dos rapazes, um alcoólico enorme e grosseiro de ascendência escocesa e irlandesa chamado Ed Blake. Mas o Philip, três anos mais novo do que o Brian, tinha herdado os músculos.

Agora, com os seus mais de um metro e oitenta, as suas calças de ganga coçadas, as botas de trabalho, a camisa de cambraia, o bigode de Fu Manchú e as tatuagens ao estilo de um motoqueiro, ele prepara-se para se aproximar do irmão prostrado e inclinar a sua figura imponente sobre ele, e talvez dizer-lhe uma palavra dura, mas algo o faz parar. Ouve algo que não lhe agrada vindo do outro lado do vestíbulo.

O Bobby Marsh, um antigo colega de liceu do Philip, está junto à base das escadas e limpa a lâmina de um machado nas suas calças de ganga de tamanho extralargo. Com trinta e dois anos, sem ter acabado o liceu, com o cabelo castanho longo e sebooso puxado atrás e preso num rabo-de-cavalo, o Bobby, apesar de corpulento, não é propriamente obeso, mas tem peso a mais, e é mesmo o que os seus antigos colegas do liceu do condado de Burke chamariam de “bola de sebo”. Está a rir-se de uma forma nervosa, tensa, enquanto vê o Bobby vomitar, um riso que faz tremer a sua barriga. É uma risada sem energia, oca, uma espécie de tique que não parece conseguir controlar.

Esse riso ansioso começara três dias antes quando um dos primeiros mortos-vivos aparecera vindo da casa de banho de uma área de serviço perto do aeroporto de Augusta. Vestido com um macacão empapado de

sangue, aquele macaco imundo tinha saído do seu esconderijo com uma tira de papel higiênico agarrada à sola do sapato e tinha tentado fazer uma refeição do pescoço gordo do Bobby antes que o Phillip tivesse intervindo e despedaçado a coisa com um pé de cabra.

Essa descoberta — de que um golpe brutal na cabeça resolve o assunto — tinha provocado ainda mais risadas nervosas ao Bobby — um mecanismo de defesa, estava visto — acompanhadas de um arrazoado tenso sobre aquilo ter sido provocado por “alguma coisa na água, pá, como a filha da puta da peste negra”. Mas o Philip não quis saber de explicações para aquela tempestade de merda em que estavam metidos, e continuava sem querer sabê-lo.

— Ei! — Philip dirige-se ao homem corpulento. — Continuas a achar piada a isto?

O riso do Bobby apaga-se.

No outro extremo da divisão, junto a uma janela que dá para um pátio envolto na escuridão noturna, observa-os, nervosa, uma quarta figura. Nick Parsons, outro amigo da infância turbulenta do Philip, é um tipo de aspeto escorreito e compacto, com uns trinta e poucos anos e a aparência e a preparação de um eterno atleta. É o religioso do grupo, e ainda não se habituou à ideia de destruir coisas que foram seres humanos. Tem as calças de cor caqui e os ténis salpicados de sangue, e o trauma fere-lhe os olhos enquanto vê o Philip a aproximar-se do Bobby.

— Desculpa, pá — sussurra este.

— A minha filha está ali — diz o Philip, confrontando-o e ficando quase de nariz colado ao dele. A mistura química e volátil de raiva, pânico e dor nele pode explodir de um momento para o outro.

O Bobby olha para o chão repleto de manchas de sangue.

— Desculpa, desculpa.

— Vai buscar as lonas, Bobby.

A quase dois metros de distância, o Brian, ainda de joelhos e mãos no chão, expele o resto do que o seu estômago continha e contorce-se em espasmos.

O Philip dirige-se ao seu irmão mais velho e ajoelha-se junto a ele.

— Deita tudo cá para fora.

— Descul... ahhh... — O Brian murmura roucamente, fungando e tentando completar um pensamento coerente.

Philip pousa a mão enorme, suja e calosa sobre os ombros encurvados do seu irmão.

— Tudo bem, mano... Deita tudo cá para fora.

— Des...culpa.

— Tudo bem.

O Brian consegue finalmente controlar-se e limpa a boca com as costas da mão.

— Achas que... deram cabo deles todos?

— Acho.

— Tens a certeza?

— Tenho.

— Procuraram em todo o lado? Na cave e isso?

— Podes crer que procurámos. Em todos os quartos... até no sótão. O último saiu do esconderijo quando ouviu o caralho dessa tosse, tão alta que até acorda os mortos. Uma adolescente. Tentou almoçar a papada do Bobby.

O Brian engole em seco, dolorosamente.

— Estas pessoas... eles... *viviam* aqui.

O Philip suspira.

— Já não vivem.

Conseguindo olhar em volta, Brian levanta a seguir os olhos para o irmão. Tem o rosto húmido de lágrimas.

— Mas eles eram... uma família.

O Philip assente com a cabeça e não diz nada. Apetece-lhe encolher os ombros perante aquela observação — e depois? — mas limita-se a assentir silenciosamente. Não pensa na família de mortos-vivos que acaba de despachar, ou nas implicações de toda a carnificina que já experimentou nos últimos três dias, trucidando indivíduos que tinham sido há bem pouco tempo mães dedicadas, carteiros e empregados de áreas de serviço. Ontem, o Brian tinha começado com uma treta intelectualóide sobre a diferença entre moral e ética nesta situação: moralmente, não se deveria matar nunca, *nunca*, mas eticamente — o que é algo distinto — devia-se manter o princípio de matar apenas em autodefesa. Mas o Philip não vê o que estão a fazer como um homicídio. Não se pode matar algo que já está morto. O que fazemos é esborrachá-lo como a um inseto, e seguir caminho e deixarmos de *pensar* tanto.

O facto é que, neste momento, o Philip não está nem sequer a pensar no próximo passo a dar pelo seu miserável grupo, passo que será certamente ele a decidir (tornou-se o líder genuíno deste bando de pessoas e mais vale admiti-lo). Neste momento, Philip Blake está concentrado num único objetivo: desde que aquele pesadelo começou há setenta e duas horas, e as pessoas começaram a transformar-se — por causas que ainda ninguém conseguiu explicar — tudo o que o preocupa é proteger a Penny. Foi por isso que fugiu da sua cidade, Waynesboro, há dois dias.

Uma pequena comunidade rural no limite oriental do centro da Geórgia, Waynesboro tinha-se transformado rapidamente num inferno quando

as pessoas começaram a morrer e a voltar. Mas foi a segurança da Penny que acabou por convencer o Philip a fugir. Foi por causa dela que procurara a ajuda dos seus antigos colegas de liceu, e foi por causa dela que se dirigira para Atlanta onde, segundo as notícias, estavam montados centros de acolhimento de refugiados. Foi tudo por causa da Penny. A Penny é tudo o que Philip Blake ainda tem. É a única coisa que lhe dá energia para continuar, o único bálsamo para a sua alma ferida.

Muito antes do aparecimento desta inexplicável epidemia, o vazio no seu coração atingia um pico às três da manhã de todas as noites de insónia. Fora a essa precisa hora que perdera a sua mulher — parece incrível como se passaram já quatro anos — numa autoestrada batida pela chuva a sul de Athens. A Sarah fora de visita a uma amiga na Universidade da Georgia, e tinha estado a beber; perdeu o controlo do carro numa estrada sinuosa de Wilkes County.

A partir do momento em que identificou o corpo, Philip soube que nunca mais seria o mesmo. Não teve problemas em fazer o que devia ser feito — aceitar um segundo emprego para dar comida e roupa e todos os cuidados à Penny — mas não voltaria a ser o mesmo. Talvez fosse por causa disso que tudo isto acontecera. Uma brincadeira de mau gosto de Deus. Quando vierem os gafanhotos, e o rio se manchar de sangue, tocará ao tipo que tiver mais a perder liderar o grupo.

— Não interessa quem eles foram — acaba por dizer o Philip ao irmão.
— Ou *o que* foram.

— Pois... Tens razão.

Por esta altura, o Brian já está sentado, de pernas cruzadas, e a inspirar grandes golfadas de ar. Observa o Bobby e o Nick que estão no outro extremo da sala a desenrolar umas lonas enormes e a abrir sacos de lixo. Começam a enrolar os cadáveres, ainda a pingarem sangue, para dentro das lonas.

— A única coisa que interessa é que limpámos este sítio — diz o Philip. — Podemos ficar aqui esta noite, e, se conseguirmos arranjar gasolina amanhã de manhã, vamos poder seguir para Atlanta.

— Mas não faz grande sentido, no fundo — murmura o Brian, percorrendo com o olhar os cadáveres um a um.

— O que estás para aí a dizer?

— Olha para eles.

— O que foi? — Philip olha por cima do ombro para os restos horrendos da matriarca a serem enrolados numa lona. — O que têm eles?

— É apenas a família.

— E depois?

Brian tossa e limpa a boca com a manga.

— O que estou a dizer é... tens a mãe, o pai, os quatro miúdos adolescentes... e é tudo.

— Sim, e depois?

O Brian olha para cima, de encontro ao olhar do Philip.

— E então como é que uma coisa destas acontece? Eles... transformam-se *ao mesmo tempo*? Será que um deles foi mordido e trouxe a coisa para dentro de casa?

O Philip pensa no assunto por um momento — afinal de contas, ele também está ainda a tentar perceber o que se está a passar, como funciona toda aquela loucura — mas acaba por se cansar de pensar.

— Vá, levanta o cu do chão e vem ajudar-nos.

Leva-lhes perto de uma hora a limpar a casa. A Penny permanece no armário durante todo o processo. O Philip leva-lhe um boneco de peluche que estava num dos quartos dos miúdos da casa, e diz-lhe que já não falta muito para ela poder sair. O Brian, acossado por ataques de tosse, limpa o sangue com uma esfregona, enquanto os outros três arrastam os corpos envoltos em lonas — dois grandes e quatro mais pequenos — através das portas das traseiras e da varanda de madeira.

O céu noturno de fim de setembro está limpo e frio como um oceano negro, e um turbilhão de estrelas brilham sobre as suas cabeças, escarnecendo deles com o seu fulgor intenso e impassível. Consegue ver-se na escuridão o bafo dos três homens que arrastam os corpos envoltos em lonas por cima das tábuas cobertas de orvalho gélido. Levam picaretas à cintura. O Philip enfiou uma pistola atrás nas calças. É uma velha Ruger de calibre .22 que comprou numa feira de artigos usados há anos, mas agora ninguém quer acordar os mortos com o rugido de um tiro de pistola. O vento traz até eles o rumor típico dos mortos-vivos — sons de murmúrios entaramelados e passos arrastados — vindo de algures no meio da escuridão dos pátios vizinhos.

Tem sido um início de outono invulgarmente fresco na Georgia, e esta noite espera-se que os termómetros desçam até aos seis ou mesmo até perto dos quatro graus. Pelo menos, foi isso que a estação local de rádio anunciou antes de a emissão se perder entre rajadas de estática. Até este ponto da sua viagem, o Philip e o seu grupo têm vigiado a televisão, a rádio e a internet no Blackberry do Brian.

Por entre o caos generalizado, as notícias têm tentado acalmar as pessoas com afirmações de que está tudo bem — o governo infalível tem a situação controlada — e de que este pequeno percalço será corrigido em questão de horas. São emitidos com regularidade avisos nas frequências da

defesa civil, em que se pede às pessoas que fiquem em casa, que evitem estar em zonas pouco habitadas, que lavem as mãos frequentemente, que bebam água engarrafada, blá, blá, blá.

Mas é óbvio que ninguém sabe explicar o que quer que seja. E talvez o mais inquietante sinal de todos seja o número cada vez maior de estações de rádio que deixam de emitir. Felizmente, as áreas de serviço ainda têm gasolina, as mercearias ainda estão bem fornecidas e as redes elétricas, os semáforos, as esquadras de polícia e toda a infraestrutura da civilização parece estar ainda funcional.

Mas o Philip tem receio de que uma quebra do fornecimento de eletricidade possa tornar a situação muito mais delicada.

— Vamos pô-los nos contentores do lixo atrás da garagem — diz ele de uma forma tão suave que parece estar a sussurrar, enquanto arrasta dois vultos cobertos de lona em direção à cerca de madeira junto à garagem onde estão estacionados três automóveis. Quer fazer isto rapidamente e em silêncio. Não quer atrair mortos-vivos. Sem fazer fogo, sem emitir ruídos agudos e sem disparar qualquer tiro, se for possível.

Atrás da cerca de madeira há um estreito carreiro de cascalho que serve as garagens espaçosas que se alinham nas traseiras da casa. O Nick arrasta o seu fardo até ao sólido portão de cedro da cerca. Deixa-o cair e abre o portão girando o puxador de ferro forjado.

— CUIDADO AÍ! — grita o Bobby Marsh.

— Cala-te, caralho! — sibila o Philip, a meio da travessia do portão, enquanto leva a mão à picareta presa ao seu cinto.

O Nick recua.

O zombie atira-se a ele, a bater as mandíbulas, e falha o seu peitoral esquerdo por milímetros. Ouve-se o som dos dentes amarelados a chocarem impotentemente uns contra os outros, como castanholas, e à luz do luar o Nick consegue ver que se trata de um velho com uma camisola da Izod toda suja, calças de golfe e sapatos caros, com a Lua a fazer brilhar os seus olhos brancos como leite e cobertos de cataratas: o avô de alguém.

O Nick consegue vê-lo bem antes de cambalear para trás, tropeçar em si mesmo e cair de rabo no meio da relva luxuriante. O golfista morto arrasta-se pela entrada da cerca e em direção ao relvado no preciso momento em que um raio de aço enferrujado descreve um arco no ar.

A ponta aguçada da picareta do Philip espeta-se em cheio na cabeça do monstro, rachando o crânio do velho como uma casca de coco e penetrando a membrana densa e fibrosa da dura até se afundar na massa gelatinosa do lóbulo parietal. O impacto provoca um som semelhante ao de um talo de aipo a ser quebrado e lança no ar um coágulo de líquido negro e repugnante. O rosto do velho, que se animara com espasmos de inseto,

parece apagar-se de imediato, como um desenho animado interrompido pela falha do projetor.

O zombie desfalece e cai no chão, como um saco de roupa suja subitamente esvaziado do seu conteúdo.

A picareta, ainda enterrada bem fundo, obriga o Philip a avançar para o corpo e a baixar-se. Puxa por ela, mas a ponta está encravada.

— Fecha o filho da puta do portão já, fecha-o já e sem fazer barulho, porra! — sussurra ele, continuando a fazê-lo como se estivesse num palco acometido de um estranho frenesi, enquanto põe a bota Chippewa de tacões reforçados a metal do seu pé esquerdo em cima do crânio rachado do cadáver.

Os outros dois homens movem-se em sincronia, como se executassem uma coreografia. O Bobby pousa rapidamente o seu fardo e corre para o portão. O Nick põe-se em pé com esforço e recua, horrorizado. O Bobby apressa-se a fechar o ferrolho de ferro forjado do portão, mas este produz um som oco e metálico tão ruidoso que ecoa por todos os relvados das cercanias, cobertos pela escuridão.

Por fim, o Philip consegue arrancar a picareta do crânio do zombie, o que provoca um som suave de fricção, e está prestes a virar-se em direção aos restantes membros da família, a sua mente oprimida pelo pânico, quando ouve algo estranho, algo inesperado que vem de dentro da casa.

Olha para cima e vê as traseiras da casa de estilo colonial, vê a janela iluminada intensamente por um foco de luz que vem lá de dentro.

Vê a silhueta do Brian atrás da porta envidraçada de correr, e ele bate no vidro, fazendo sinal ao Philip e aos outros para que corram de volta à casa naquele momento. A expressão dele tem a marca da urgência. Não tem nada a ver com o golfista morto, isso o Philip consegue perceber. Algo se passa.

Meu Deus, por favor, faz com que não seja nada com a Penny!

Deixa cair a picareta e atravessa o relvado em poucos segundos.

— E os cadáveres? — pergunta o Bobby Marsh ao Philip.

— Deixa-os! — grita este, saltando sobre os degraus do alpendre e correndo em direção à porta de correr.

O Brian espera-o com a porta entreaberta.

— Tenho de te mostrar uma coisa — diz ele.

— Que se passa? É a Penny? Ela está bem?

O Philip está quase sem fôlego ao entrar pela fresta da porta. O Bobby e o Nick regressam pelo alpendre e também eles regressam ao calor da casa.

— A Penny está bem — diz o Brian. Tem nas mãos uma fotografia encaixilhada. — Está bem. Diz que não se importa de ficar no armário mais um bocado.

— Porra, Brian, mas que caralho...?

O Philip recupera o fôlego e os seus punhos estão fechados como duas bolas.

— Tenho de te mostrar algo. Queres passar a noite aqui? — o Brian vira-se para as portas de correr, para o que se pode ver para além dos seus vidros. — Olha. A família morreu junta aqui, certo? Os seis? Seis?

— Desembucha! — devolve o Philip enquanto limpa o suor do rosto.

— Olha. De alguma forma todos eles se transformaram em conjunto. Como uma família, certo? — o Brian tosse e depois aponta para os seis fardos deitados perto da garagem. — Estão ali seis na relva. Olha. A mãe, o pai e quatro miúdos.

— E depois, caralho?

O Brian levanta a foto encaixilhada, um retrato da família em tempos mais felizes, todos eles a sorrir de forma algo desajeitada, vestidos com os seus melhores fatos domingueiros.

— Encontrei isto em cima do piano — diz ele.

— E...?

O Brian aponta para a criança mais nova na foto, um rapaz de onze ou doze anos, com um fato azul de marinheiro, madeixas loiras e um sorriso forçado. Depois olha para o seu irmão e diz com gravidade na voz:

— Estão sete nesta foto.

DOIS

A graciosa casa de dois andares ao estilo colonial que o Philip escolheu para repouso do seu grupo está situada numa rua secundária e bem cuidada, bem ao fundo de um labirinto de ruas ladeadas de árvores que compõem o enclave habitacional fechado chamado Wiltshire Estates.

Perto da autoestrada 278, a pouco mais de trinta quilómetros a leste de Atlanta, a comunidade tem uma dimensão aproximada de vinte e quatro mil quilómetros quadrados e está construída sobre uma densa tapada florestal de pinheiros silvestres de folha longa e carvalhos enormes e muito antigos. A fronteira a sul está delimitada pelas vastas colinas verdejantes de um campo de golfe de trinta e seis buracos concebido por Fuzzy Zoeller.

Na brochura que o Brian encontrou no chão de uma guarita abandonada nessa noite, um texto publicitário florido faz o local parecer um sonho húmido da Martha Stewart: *a Wiltshires Estates garante-lhe um nível de vida digno de prémios, com condições de classe mundial... nomeado “O Melhor do Melhor” pela GOLF Magazine Living... aqui encontrará o cotadíssimo resort e spa Shady Oaks Plantation... patrulhas de segurança privada vinte e quatro horas por dia... habitações de 475 mil dólares até mais de um milhão de dólares.*

O grupo tinha chegado aos requintados portões de entrada ao cair desse dia, a caminho do centro de acolhimento de refugiados de Atlanta, todos enlatados dentro do Chevy Suburban ferrugento do Philip. À luz dos faróis da viatura tinham podido ver os arabescos dos florões de ferro fundido e a enorme faixa encurvada com o nome *Wiltshire* gravado no metal sobre as barras do portão, e tinham decidido parar para investigar.

De início, o Philip pensou que o lugar poderia servir de paragem provisória e rápida, um sítio onde pudessem descansar e talvez procurar por mantimentos antes de fazerem a última parte da viagem até à cidade. Talvez encontrassem outros na mesma situação, gente como eles, quem sabe até alguns bons samaritanos que pudessem ajudá-los. Mas, quando o grupo — cinco pessoas cansadas, famintas, tensas e confusas — começou a percorrer

as estradas sinuosas de Wiltshire, com a escuridão a ficar cada vez mais densa à sua volta, depressa se aperceberam de que o local estava, na sua quase totalidade, *morto*.

Não se viam quaisquer luzes em nenhuma das janelas. Muito poucos automóveis permaneciam nos acessos às garagens ou junto aos passeios. Uma boca de incêndio jorrava água numa esquina, lançando um *spray* espumoso sobre o relvado mais próximo. Noutra esquina, via-se um BMW com a parte da frente envolvendo o poste contra o qual chocara e a porta dianteira do passageiro toda aberta. Aparentemente, as pessoas tinham fugido à pressa.

A razão dessa fuga podia ser vista nas sombras distantes do campo de golfe, nas ravinas por trás do resort e mesmo, aqui e ali, nas ruas bem iluminadas. Zombies arrastavam-se sem rumo, como restos fantasmagóricos do que tinham sido outrora, e das suas bocas abertas e indolentes saía um gemido roufenho que o Philip conseguia ouvir perfeitamente, apesar de ter trancado as janelas do Suburban que percorria o labirinto de ruas largas e recentemente pavimentadas.

Aquela pandemia ou ato divino — ou o que raio tivesse provocado aquilo tudo — devia ter assolado Wiltshire Estates de forma fulminante e violenta. A maior parte dos mortos-vivos parecia estar agrupada nas margens de caminhos do campo de golfe. Algo devia ter passado lá, algo que acelerou o processo. Talvez os golfistas sejam quase todos velhos e lentos. Talvez sejam mais apetecíveis aos mortos-vivos. Quem poderá saber ao certo? Mas é óbvio, mesmo a centenas de metros de distância, vistos através das árvores ou do topo das cercas, que muitas dezenas, centenas até de mortos-vivos circulam no vasto complexo de clubes de golfe, canais de água, pontes e dunas de areia.

Na escuridão da noite, parecem insetos enxameando preguiçosamente em torno de uma colmeia.

É uma visão desconcertante: de certa forma, o fenómeno que ocorreu aqui deixou a comunidade adjacente — com o seu interminável circuito de becos sem saída e ruas em curvas e contracurvas — relativamente deserta. E quanto mais o Philip e os seus passageiros de olhos bem abertos circulam pela vizinhança, mais sentem falta de um bocado, por pequeno que seja, desse estilo de vida digno de prémios, apenas um bocado, o suficiente para que possam recompor-se e recarregarem baterias.

Pensavam que poderiam talvez passar a noite aqui, e recomeçar a viagem pela manhãzinha.

Escolheram a grande casa de estilo colonial ao fundo da Green Brian Lane porque parecia estar suficientemente longe do campo de golfe para poder atrair as atenções do enxame. Tinha um pátio grande com boa visi-

bilidade para fora da casa e uma cerca alta e resistente. E parecia estar vazia. Mas quando o Suburban fez cuidadosamente marcha-atrás através do relvado em direção a uma entrada lateral, e, deixando o carro destrancado e as chaves na ignição, foram espreitar a uma das janelas, um atrás do outro, a casa começou quase imediatamente a agitar-se. Os primeiros ruídos de soalho a ranger vieram do segundo andar, e foi aí que o Philip mandou o Nick buscar ao Suburban o conjunto de machados guardados na bagageira.

— Estou-te a dizer que acabámos com eles todos — diz agora o Philip, tentando acalmar o seu irmão, sentado à mesa da cozinha.

O Brian não diz nada, olha apenas para a sua malga de cereais empapados. Tem por perto uma garrafa de xarope para a tosse, um quarto do qual ele já emborcou.

A Penny está sentada ao seu lado, e também tem uma malga de Cap'n Crunch em frente dela. Perto da malga tem um pequeno pinguim de peluche, do tamanho de uma pera, e de vez em quando ela leva a colher à boca do boneco, fingindo partilhar os seus cereais com ele.

— Vasculhámos todos os cantos desta casa — continua o Philip à medida que abre armário atrás de armário. A cozinha é uma cornucópia, repleta de utensílios, mantimentos e iguarias dignos de classes abastadas: cafés gourmet, liquidificadores, taças de cristal, cremalheiras de garrafas de vinho, massas confeccionadas à mão, compotas e geleias caras, condimentos de todo o tipo, licores finos e toda a variedade de eletrodomésticos. O gigantesco fogão da Viking Range está imaculado, e o enorme frigorífico Sub-Zero está recheado de carnes e frutas, cremes e produtos lácteos que parecem ter custado bastante, e pequenas caixas de comida trazida de restaurantes chineses cujos restos estão ainda perfeitamente frescos.

— Podia estar de visita a um familiar ou algo assim — prossegue o Philip, reparando numa garrafa de bom scotch com malte numa das prateleiras. — Podia estar com os avós, ou na casa de um amigo, qualquer coisa.

— Porra, olhem-me só para isto! — grita o Bobby Marsh do outro lado da cozinha. Está em frente da despensa, e inspeciona com olhar guloso o seu conteúdo. — Parece que o raio do Willy Wonka e a Fábrica de Chocolate estão aqui dentro... bolachas, bolos e o pão ainda está fresco.

— A casa é segura, Brian — diz o Philip, tirando a garrafa de uísque da prateleira.

— Segura?

Brian Blake olha fixamente para o tampo da mesa. Tosse e encolhe-se.

— É o que eu disse. Aliás, estou a pensar...

— Lá se foi mais uma! — diz uma voz vinda de outro canto da cozinha.

É o Nick. Nos últimos dez minutos, esteve a percorrer nervosamente todos os canais de televisão num pequeno ecrã plasma montado debaixo de um armário à esquerda da pia, em busca de estações locais para saber de novidades e agora, perto da meia noite menos um quarto, a Fox 5 News de Atlanta acaba de se esfumar. Para além dos canais das redes nacionais, que mostram reposições de programas sobre a Natureza e filmes antigos, fica apenas o pilar de Atlanta, a CNN, e tudo o que eles estão a mostrar agora são os mesmos avisos de emergência pré-gravados que têm exibido nos últimos dias. Nem o Blackberry do Brian mostra alguma coisa: a rede nesta zona é fraca. Quando funciona, só se vêm emails de spam, tags do Facebook e *tweets* anónimos com mensagens crípticas, como:

... E O REINO MERGULHARÁ NA ESCURIDÃO...

... SÃO OS PÁSSAROS A CAÍREM DO CÉU, FOI ASSIM QUE COMEÇOU ...

... QUEIMEM TUDO QUEIMEM TUDO...

... BLASFÉMIAS CONTRA DEUS...

... N VALES UM CU, VAIS MORRER...

... A CASA DO SENHOR TORNOU-SE RESIDÊNCIA DE DEMÓNIOS...

... NÃO ME CULPEM DISTO, SOU UM LIBERTÁRIO...

... COMAM-ME...

— Desliga isso, Nick — diz o Philip num tom soturno, deixando-se cair numa cadeira junto à mesa de cozinha com a garrafa na mão. Franze o sobrolho e leva a outra mão ao fundo das suas costas, onde sente a pistola que está presa no cinto. Põe a Ruger em cima da mesa, tira a tampa do uísque e bebe um golo vigoroso.

O Brian e a Penny olham para a pistola.

O Philip volta a pôr a tampa na garrafa e atira-a pelo ar para o Nick, que a apanha com a graciosidade de um defesa de futebol (que ele já foi).

— Liga mas é o canal da borracheira um bocado... precisas de dormir, deixa de olhar para os monitores.

O Nick dá um golo. Repete a dose e depois põe de novo a tampa e atira a garrafa ao Bobby.

O Bobby quase a deixa cair. Ainda junto à porta da despensa, está ocupado a mamar um pacote inteiro de Oreos, e restos das bolachas escuras já se formam no canto da sua boca. Empurra as bolachas com um valente trago de uísque e emite um generoso arroteo.

Beber é algo que o Philip e os seus dois amigos estão habituados a fazer em conjunto, e nesta noite precisam de beber mais do que nunca. Começaram a fazê-lo no seu primeiro ano no liceu, com licor de menta e vinho de melancia em tendas montadas nos jardins das traseiras das casas de cada

um deles. Mais tarde, evoluíram para misturas de cerveja com uísque, vodka ou tequila, depois dos jogos de futebol. Ninguém aguenta tanto álcool como o Philip Blake, mas os outros dois são rivais à altura no jogo do bota-abaxo.

Pouco depois de casar, o Philip saía regularmente para beber com os dois amigos de liceu, sobretudo para se lembrar do que era ser jovem e irresponsável. Mas depois da morte da Sarah os três afastaram-se. A pressão de ser pai solteiro, e o trabalho de dia na loja de abafadores de tubo de escape e de noite a guiar o camião, com a Penny a dormir perto dele, tinham-no consumido. As saídas noturnas dos três foram sendo cada vez menos frequentes. De vez em quando — no mês passado foi a última — o Philip lá arranja tempo para estar com o Bobby e o Nick no Tally Ho ou na estalagem Wagon Wheel ou em qualquer outra espelunca de Waynesboro onde se possa passar uma noite de saudável deboche (enquanto a Mamã Rose cuida da Penny).

Nos últimos anos, o Philip começou a pensar se não estaria simplesmente a sair com o Bobby e o Nick apenas para se lembrar de que ainda estava vivo. Talvez tenha sido por isso que, na última segunda-feira — quando começou o pesadelo em Waynesboro e ele decidiu pegar na Penny e zarpar para um lugar mais seguro — ele os chamou para se juntarem a ele na viagem. Sentia que eram parte do seu passado, e isso ajudava-o.

Contudo, nunca pensara em levar o Brian. Tinham ido de encontro a ele por acidente. Naquele primeiro dia na estrada, a uns sessenta quilómetros de Waynesboro, o Philip tinha feito um desvio rápido para Deering, para ver como estavam os seus pais. O casal de idosos vivia numa comunidade de reformados e pensionistas perto da base militar de Fort Gordon. Quando chegou lá, descobriu que toda a população de Deering tinha sido trasladada para a base a fim de ficarem sob proteção.

Essa foi a boa notícia. A má foi que o Brian estava lá, escondido em casa dos pais, aninhado no espaço por baixo do andar térreo, petrificado de medo pelo número crescente de zombies naquela zona. Philip já quase se tinha esquecido da situação em que o seu irmão se encontrava: tinha regressado a casa dos pais depois de o seu casamento com aquela jamaicana maluca de Gainesville se ter afundado. Ela tinha pegado nas trouxas e regressado à Jamaica. Isto, juntamente com o facto de todas as estrambólicas ideias de negócio do Brian (quase todas elas financiadas com o dinheiro dos pais) terem redundado em fracassos — como a sua brilhante ideia de abrir uma loja de música em Athens, quando já lá havia uma em cada esquina — fez com que o Philip sentisse um arrepio perante a possibilidade de ter de cuidar do seu irmão durante algum tempo. Mas o que estava feito, estava feito.

— Ei, Philly — diz o Bobby, mastigando as últimas bolachas — achas

que aqueles centros de acolhimento de refugiados na cidade ainda estão abertos?

— Sei lá. — Philip olha para a sua filha. — Como é que estás, fofinha?

A menina encolhe os ombros.

— Bem. — A sua voz é quase inaudível, como o som de um espanta-espíritos abafado pela brisa. Olha para o pinguim de peluche. — Acho.

— Que é que achas desta casa? Gostas dela?

A Penny volta a encolher os ombros.

— Não sei.

— Que é que dizes a ficarmos aqui um tempinho?

Isto atrai a atenção de todos. O Brian olha para o seu irmão. Todos os olhares se concentram agora no Philip. É o Nick quem fala por fim.

— Que é que queres dizer com “tempinho”?

— Passa aí — diz o Philip ao Bobby, fazendo-lhe sinal para que lhe atire a garrafa. Esta chega-lhe às mãos e ele bebe um longo trago, saboreando bem. — Olhem bem para esta casa — diz depois de limpar a boca.

O Brian está confuso.

— Tu disseste que só íamos passar a noite, certo?

O Philip respira fundo.

— Sim, mas começo mais ou menos a abandonar essa ideia.

O Bobby começa a dizer:

— Pois, mas...

— Ouçam. Estou só a dizer que pode ser uma boa ideia abancarmos aqui por uns tempos.

— Pois, Philly, mas e...

— Podíamos apenas deixar-nos ficar por aqui, ver o que acontece.

O Nick esteve a ouvi-los atentamente.

— Philip, então? As notícias estão fartas de avisar que as grandes cidades são mais seguras...

— As notícias? Por amor de Deus, Nick, vê se acordas. As estações de televisão e rádio estão a cair uma atrás da outra, tal como o resto da população. Olha para esta casa. Achas que um abrigo do governo vai ter este tipo de condições, camas para todos, comida para durar semanas, uísque com vinte anos? Chuveiros, água quente, máquinas de lavar roupa?

— Mas estamos já tão perto — diz o Bobby depois de pensar uns segundos.

O Philip suspira.

— Enfim... Perto é como quem diz.

— Não mais de trinta quilómetros.

— Ou trinta mil quilómetros, com todos aqueles carros destruídos no meio da autoestrada, a 278 deve estar cheia deles.

— Isso não nos vai impedir — diz o Bobby. Os seus olhos brilham. Estala os dedos. — Vamos adaptar um... como é que se chama?... na dianteira do Chevy... um *scoop* para entrada de ar, como no *Mad Max*, caralho...

— Olha como falas, Bobby — diz o Philip, apontando com a cabeça para a menina sentada à mesa.

É a vez do Nick.

— Meu, se ficarmos aqui é apenas uma questão de tempo até aquelas coisas ali no...

Para a meio da frase, olhando para a criança. Todos sabem do que está a falar.

A Penny observa atentamente os cereais empapados como se não estivesse a ouvir a conversa.

— Este local é seguro, Nicky — contrapõe o Philip, pousando a garrafa e cruzando os braços musculados sobre o peito. Ele tem pensado muito no problema dos bandos de zombies que deambulam pelo campo de golfe. O segredo está em ficar quieto, tapar a luz à noite, não emitir quaisquer sinais ou odores nem provocar qualquer tipo de agitação. — Enquanto tivermos energia elétrica, e mantivermos a calma, estamos safos.

— Com uma pistola apenas? — diz o Nick. — Quer dizer, nem sequer podemos usá-la sem atrairmos a atenção deles.

— Vamos à procura de armas nas outras casas. Estes sacanas ricos adoram caçar veados, até pode ser que se encontre um silenciador para a Ruger... Caramba, até se pode fazer um na oficina do andar de baixo desta casa.

— Philip, mas que raio? Então agora somos armeiros? Quer dizer... tudo o que temos para nos defendermos agora são uns tantos...

— O Philip tem razão.

A voz do Brian surpreende todos, pela forma como se materializa num tom áspero e sibilado que traduz uma certeza absoluta. Afasta a malga com os cereais e olha para o seu irmão.

— Tens razão.

O Philip é talvez o mais surpreendido com a convicção na voz nasalada do Brian.

Este levanta-se, contorna a mesa e para na soleira da porta que comunica com o salão espaçoso e bem mobilado. Todas as luzes estão aí apagadas e as cortinas estão corridas. O Brian aponta para a parede frontal da casa.

— O nosso problema aqui é a parte da frente da casa. Os lados e as traseiras estão bem protegidos pela cerca alta. Os mortos parecem ser incapazes de penetrar barreiras e isso... e todas as casas aqui têm um pátio das

traseiras rodeado por uma cerca. — Durante um momento, parece que o Brian vai tossir mas ele consegue reprimir o acesso levando à mão à boca. Tem a mão a tremer. Continua. — Se pudéssemos retirar algum material dos outros pátios e das outras casas, talvez conseguíssemos construir uma barreira à frente da casa, talvez até à frente das casas vizinhas.

O Bobby e o Nick olham um para o outro, aparentemente sem reacção, até que o Philip, com um ligeiro sorriso, diz:

— Deixem a coisa nas mãos do universitário.

Já há muito que os irmãos Blake não sorriem entre si, mas agora o Philip consegue ver que o estouvado do seu irmão quer ser útil, quer fazer algo pela causa, quer tornar-se um homem. E o Brian parece ganhar confiança com a aprovação do Philip.

O Nick não parece convencido.

— Durante quanto tempo? Sinto-me um alvo fácil preso neste sítio.

— Não sabemos o que vai acontecer — diz o Brian, com uma voz crua mas ao mesmo tempo plena de uma energia estranha. — Não sabemos o que provocou esta coisa, quanto tempo isto vai durar... pode ser que alguém descubra a solução, que apareça um antídoto ou algo assim... podem deitar químicos de aviões das colheitas, o Centro de Controlo de Doenças pode conseguir parar o surto... nunca se sabe. Acho que o Philip tem toda a razão: devíamos abancar aqui por uns tempos.

— Nem mais — diz Philip Blake com um largo sorriso, ainda sentado com os braços cruzados. Pisca o olho ao seu irmão.

O Brian devolve-lhe um pequeno aceno de satisfação, afastando uma madeixa de cabelo espesso como palha da frente dos olhos. Inspira fundo, e os seus pulmões cham, e depois dirige-se em marcha triunfal para a garrafa de uísque, que está em cima da mesa junto ao Philip. Agarrando nela com um gosto que não se lhe via há muitos anos, o Brian leva-a aos lábios e engole um trago enorme com a bravata de um viking a celebrar uma caçada bem sucedida.

Quase de imediato, ele para de beber, dobra-se sobre si mesmo e é acometido de uma rajada de espasmos de tosse. Metade do álcool na sua boca é espalhado pela cozinha, e ele tosse, tosse e tosse, arquejando violentamente, e, durante uns segundos, os outros limitam-se a olhar. A pequena Penny está estupefacta, com a boca e os seus olhos enormes abertos de espanto, enquanto limpa as gotas de álcool das faces.

O Philip olha para a figura patética do seu irmão e depois para os seus amigos. No outro lado da cozinha, o Bobby Marsh luta para reprimir o riso. O Nick tenta controlar, com espasmos, um sorriso de orelha a orelha. O Philip tenta dizer algo mas não consegue evitar começar a rir bem alto, e o riso é contagioso. Os outros rebentam às gargalhadas.

Em breve, todos riem histericamente, até o Brian, e, pela primeira vez desde que começou aquele pesadelo, o riso é genuíno: uma descarga de algo negro e inseguro escondido dentro deles.

Nessa noite, tentam dormir por turnos. Cada um fica com um dos quartos no segundo andar, onde os objetos dos anteriores ocupantes permanecem como sinistras peças de museu: um copo de água meio cheio em cima de uma mesinha de cabeceira, um romance de John Grisham aberto numa página que nunca será acabada, um par de pompons que pendem do dossel de uma casa de adolescente.

Durante a maior parte da noite, o Philip assenta vigia no andar de baixo, no salão, com a pistola em cima de uma pequena mesa perto de si e a Penny debaixo de cobertores a dormir num sofá junto à sua cadeira. A criança tenta adormecer sem o conseguir, e perto das três da manhã, quando o Philip dá por si a reviver mentalmente os momentos a seguir ao acidente da Sarah, ele nota pelo canto do olho que a Penny anda à voltas no sofá.

Inclina-se sobre ela e acaricia o seu cabelo negro, sussurrando:

— Não consegues dormir?

A pequenita tem os cobertores puxados até ao queixo, e olha para ele. Abana a cabeça. O seu rosto é quase angelical, à luz alaranjada do aquecedor que ele colocou perto do sofá. Lá fora, envolto no vento distante e quase inaudível graças ao zumbido suave do aquecedor, o coro dissonante de gemidos continua imparável, como uma série de ondas infernais a embaterem contra a costa.

— O papá está aqui, fofinha, está tudo bem — diz o Philip muito suavemente, tocando-a na face. — Vou estar sempre aqui.

Ela anui com a cabeça.

Ele mostra-lhe um sorriso terno, baixa-se e beija-se na sobrancelha esquerda.

— Não vou deixar que nada te aconteça.

Ela anui de novo. Tem o pequeno pinguim aninhado na curva do seu pescoço. Olha para o boneco de peluche e franze o sobrolho. Leva o pinguim ao ouvido e age como se estivesse a ouvir o animal a sussurrar-lhe um segredo. Olha para o pai.

— Papá?

— Sim, fofinha?

— O pinguim quer saber uma coisa.

— O quê?

— O pinguim quer saber se aquelas pessoas estão doentes.

O Philip respira fundo.

— Diz ao pinguim que... sim, elas estão doentes mesmo. Mais do que doentes. É por isso que temos estado a... acabar com o sofrimento delas.

— Papá?

— Sim?

— O pinguim quer saber se também vamos ficar doentes.

O Philip acaricia o queixo da menina.

— Não, senhora. Diz ao pinguim que vamos continuar sãos que nem peros.

Isto parece satisfazê-la o suficiente para que desvie o olhar e o repouse no vazio um pouco mais.

Às quatro da madrugada, outra alma insone noutra parte da casa questiona-se também. Deitado sob um emaranhado de cobertores, o seu corpo magro vestido apenas com uma t-shirt e umas cuecas, com a febre a cobrir-lhe o rosto de uma película de suor, Brian Blake olha para o estuque do teto do quarto de uma adolescente morta e pergunta-se se é assim que acaba o mundo. Não foi o Rudyard Kipling que disse que o mundo acabava “não com uma explosão mas uma lamúria”? Não, espera... Foi o *Eliot*. T.S. Eliot. O Brian lembra-se de estudar o poema — seria o *The Hollow Men*? — na sua cadeira de Literatura Comparada do século XX na Universidade da Georgia. E que grande utilidade tivera afinal essa licenciatura...

Está ali deitado a cismar sobre os seus fracassos, como faz todas as noites, mas nesta noite essa ruminação é entrecortada com cenas de carnificina, como excertos de um filme de horror ultra realista inseridos no fluxo da sua consciência.

Os velhos demónios agitam-no, misturados com os receios mais recentes, penetrando-lhe fundo nos pensamentos. Podia fazer ou dizer algo para impedir a sua ex-mulher, a Jocelyn, de se ir afastando, de ir procurar um advogado, como o fez, de dizer todas aquelas coisas cruéis antes de voltar para Montego Bay? E podemos matar os monstros com um simples golpe no crânio ou temos de esmagar-lhes a massa cerebral? Teria havido algo que ele pudesse ter feito, ou pedido emprestado, que tivesse impedido a sua loja de música em Athens de fechar, a única no seu género em todo o sul, a sua bela ideia de merda de loja destinada a músicos de hip-hop, com gira-discos remodelados, amplificadores em segunda-mão e microfones de aspeto extravagante com decorações ao estilo do Snoop Dogg? Quantas mais vítimas infelizes terá havido entretanto lá fora? Será algo que se propaga pelo ar, pela água como o vírus Ebola?

As ruminações circulares da sua mente regressam continuamente às

preocupações mais prementes, sobretudo à inquietante sensação de que o sétimo membro da família que viveu ali está ainda algures na casa.

Agora que o Brian convenceu os companheiros de viagem de que devem ficar ali por uns tempos, foi invadido por uma enorme insegurança. Ouve cada rangido, cada impercetível movimento das fundações da casa, cada suave zumbido da caldeira. Por alguma razão que não consegue explicar, tem a certeza absoluta de que o rapaz loiro ainda anda por ali, na casa, à espera, a ganhar tempo para... quê? Talvez o miúdo seja o único membro da família que não se transformou. Talvez esteja aterrorizado e escondido.

Antes de ir dormir nessa noite, o Brian insistiu para que vasculhassem a casa uma última vez de fio a pavio. O Philip tinha ido com ele, munido de picareta e lanterna, e ambos espreitaram em todos os cantos da cave, em cada armário, em cada cubículo. Inspeccionaram a arca frigorífica com a carne na cave, e viram até dentro das máquinas de lavar e secar roupa, à procura de improváveis clandestinos. O Nick e o Bobby foram ao sótão e procuraram atrás de arcas, caixas e guarda-roupas. O Philip espreitou por baixo de todas as camas e atrás de todas as cómodas. Apesar de não terem encontrado nada do que procuravam, fizeram, ainda assim, descobertas interessantes.

Encontraram uma tigela de comida de cão na cave, mas do cão nem sinal. Encontraram também uma série de ferramentas elétricas muito úteis na oficina: serras, berbequins, fresadoras e até uma pistola de rebites. Esta vinha mesmo a calhar para a construção de barricadas pois faz menos ruído do que um martelo tradicional.

Na verdade, o Brian está até a pensar noutros possíveis usos para a pistola de rebites quando, de súbito, ouve um ruído que deixa todo o seu corpo com pele de galinha.

O ruído vem de cima, do outro lado do teto.

Vem do sótão.

TRÊS

Mal ouve o ruído — e quase instantaneamente o identificou como algo não causado pelas fundações da casa a moverem-se, pelo vento nas mansardas ou pela caldeira — o Brian ergue-se e fica sentado na berma da cama.

Inclina a cabeça para o lado e procura ouvir com mais atenção. Parece o ruído de alguém a arranhar alguma coisa, ou o som sumido de tecido a ser rasgado por movimentos bruscos. De início, Brian sente-se compelido a ir chamar o seu irmão. O Philip lidaria com uma situação destas muito melhor. Podia ser o rapaz, por amor de Deus... ou algo pior.

Mas então, pensando melhor, Brian impede-se de o fazer. Vai acobardar-se de novo, como sempre o fez? Vai correr para o seu irmão, como sempre — o seu irmão mais novo, por amor de Deus... — a mesma pessoa cuja mão segurara a sua todas as manhãs ao atravessarem as passadeiras quando andavam ambos na escola primária? Não, raisparta! Agora não. Agora, o Brian vai mostrar que tem tomates.

Respira fundo, vira-se para o lado e tenta localizar a lanterna que deixara em cima da mesa de cabeceira. Encontra-a e acende-a.

O estreito feixe de luz atravessa o quarto escuro, abrindo uma área oval luminosa na parede oposta. “Agora nós, Justin”, pensa ele ao levantar-se da cama. Tem a cabeça arejada e os sentidos despertos.

A verdade é que o Brian se sentira incrivelmente bem, horas antes naquela noite, quando concordara com os planos do irmão, quando vira o olhar do Philip, um olhar que dizia que ele, Brian, talvez não fosse um caso perdido afinal de contas. Agora é a altura de mostrar ao Philip que aquele momento na cozinha não foi uma mera casualidade. Ele pode tratar daquilo tão bem como o Philip.

Dirige-se com prontidão para a porta.

Antes de sair do quarto, agarra no taco metálico de basebol que tinha encontrado num dos quartos das crianças.

...

Os mesmos ruídos, como de papéis velhos a roçarem entre si, conseguem ouvir-se ainda com mais nitidez no corredor, no momento em que Brian para por baixo da entrada do sótão, que mais não é do que um alçapão embutido no teto por cima do patamar do segundo andar. Os outros quartos ao longo do corredor — de onde se pode ouvir o profundo ressonar do Bobby Marsh e do Nick Parsons — estão situados no outro extremo do patamar, na parte oriental da casa, longe do alcance dos ruídos. É por isso que o Brian é o único a conseguir ouvi-los agora.

Do teto pende uma tira de couro e está suficientemente baixa para que o Brian consiga saltar e agarrá-la. Puxa a porta do alçapão e abre-a, fazendo com que a escada em forma de acordeão se desdobre e desça com um ligeiro sibilo. O Brian aponta a lanterna para a entrada escura por cima de si. Grãos de pó dançam no feixe de luz. A escuridão é impenetrável, opaca. O coração de Brian bombeia com mais intensidade.

“Mariquinhas de merda”, diz para consigo. “Põe mas é esse cu lá em cima”.

Sobe a escada com o taco de basebol debaixo de um dos braços e a lanterna na sua mão livre, e faz uma pausa quando atinge o topo. Aponta a lanterna para uma arca enorme com autocolantes do Magnolia Springs State Park por todo o dorso.

O odor fresco e pútrido do bolor misturado com naftalina chega às narinas de Brian. O frio do outono penetrou já bem fundo naquele sótão através dos interstícios do telhado. Sente o ar gélido nas faces. Depois de uns segundos, volta a ouvir os ruídos.

Vêm de um canto mais fundo, nas sombras do sótão. Brian sente a garganta seca como um osso quando se ergue do topo da escada. O teto é baixo e força-o a curvar-se. Vestido apenas com a t-shirt e as cuecas, treme de frio. Quer tossir, mas não se atreve.

As arranhadelas param de repente, e recomeçam, dessa feita ainda mais vigorosas e coléricas.

Brian ergue o taco. Fica muito quieto. Volta a habituar-se à mecânica do medo: quando se está assustado, muito assustado, não se treme como nos filmes; fica-se muito, muito quieto, como um animal que eriça o pelo perante uma ameaça.

É só depois que se começa a tremer.

O feixe de luz da lanterna perscruta lentamente os esconsos recantos do sótão, através dos detritos dos bem-aventurados: uma bicicleta de exercício coberta de teias de aranha, uma máquina de remo, mais arcas, halteres, triciclos, caixas com roupa, esquis, uma máquina de pinball cheia de pó. Os ruídos param de novo.

A luz revela um caixão.

O Brian fica petrificado.
Um *caixão*?

O Philip está já a meio das escadas a subir para o segundo andar quando repara na escada para o sótão, descida e desdobrada.

Com os pés cobertos por meias, para no patamar. Leva um machado numa mão e uma lanterna na outra. A pistola de calibre 22 está enfiada nas suas calças. Não tem camisa e os seus músculos com a textura de cordas brilham à luz do luar que entra por uma pequena janela.

Leva apenas alguns segundos a percorrer o patamar e a subir a escada do sótão, e quando emerge na escuridão do sótão vê a silhueta de uma pessoa.

Antes que o Philip tenha tempo de apontar a lanterna ao seu irmão, a situação fica esclarecida.

— É um solário — diz a voz atrás de si, o que faz com que o Brian dê um salto. Esteve os últimos segundos paralisado de terror, ali a três metros daquele invólucro alongado e coberto de pó encostado a uma das paredes do sótão. Como uma gigantesca concha de molusco, a tampa daquela coisa está fechada com um trinco qualquer, e algo está a arranhá-la por dentro e a tentar sair.

O Brian vira-se e encontra no feixe de luz da sua lanterna o rosto duro e taciturno do seu irmão. O Philip está na entrada do sótão com o machado na mão direita.

— Afasta-te, Brian.

— Achas que é...

— O rapaz desaparecido? — sussurra o Philip, avançando com cautela na direção do objeto. — Vamos descobrir.

O ruído das arranhadelas, como que estimulado pelo som das vozes, aumenta e intensifica-se.

O Brian vira-se para o solário, prepara-se e ergue o taco.

— Pode ter-se escondido aqui quando chegámos.

O Philip aproxima-se com o machado.

— Afasta-te, pá.

— Eu trato disto — diz o Brian com amargura na voz, avançando para o fecho da tampa e com o taco em posição.

O Philip, com suavidade, dá um passo e interpõe-se entre o irmão e o solário.

— Não tens de me provar nada, meu. Afasta-te só.

— Não, porra, eu trato disto! — sibila o Brian, aproximando a mão do fecho empoeirado.

O Philip observa o seu irmão.

— Tudo bem, como quiseres. Força. Mas despacha-te. E, seja o que for... não penses muito nisso.

— Eu sei — diz o Brian, agarrando o fecho com a sua mão livre.

O Philip está apenas a uns centímetros atrás do irmão.

Este abre o fecho do solário.

O ruído vindo de dentro para.

O Philip levanta o machado no momento em que o Brian levanta a tampa.

Dois movimentos rápidos, um par de manchas na escuridão, atravessam o campo de visão do Philip: um remexer de pelo e o arco que o taco do Brian desenha no ar.

Só depois de um ou dois segundos o Philip consegue vislumbrar o animal: o rato a fugir como uma flecha do feixe de luz e a correr pela superfície de fibra de vidro até um buraco num dos cantos do invólucro.

O taco desce com fúria, mas não acerta naquele vulto de roedor gordo e seboso de tons acinzentados.

Pedaços do painel de comandos do solário e de brinquedos velhos voam com o impacto. O Brian arfa e recua perante a visão do rato a enfiar-se no buraco e a desaparecer nos meandros internos da base do solário.

O Philip emite um suspiro de alívio e baixa o machado. Vai para dizer algo quando uma melodia de tons metálicos começa a soar vinda das sombras que o rodeiam. O Brian olha para baixo.

Uma caixa de bonecos caiu com a força do impacto do taco.

Acionada pela queda, a melodia circense revela algumas notas de uma canção de embalar.

E então o boneco de mola salta da caixa metálica, virado de lado.

— Bu! — diz o Philip num tom cansado e sem uma única réstia de humor na voz.

Todos se animam um pouco pela manhã, depois de um lauto pequeno-almoço de ovos mexidos, fatias de bacon fritas, papas de aveia, presunto, bolo de farinha de trigo, pêssegos e chá doce. A fragrância que resulta desta mistura de cheiros, a que se junta o do café e da canela, enche a casa de um odor irresistível. O Nick até prepara o seu molho especial, o que deixa o Bobby em estado de êxtase.

O Brian encontra remédios para a gripe num armário do quarto principal e começa logo a sentir-se melhor depois de engolir um par de Day-Quils.

Depois do pequeno-almoço, vão explorar a vizinhança da casa, um quarteirão conhecido como Green Briar Lane, e têm mais boas notícias. Encontram um manancial de mantimentos e materiais de construção: canhotas de madeira para as fogueiras, tábuas, mais comida nos frigoríficos dos vizinhos, botijas de gás nas garagens, casacos e botas de inverno, caixas de pregos, álcool, maçaricos, água engarrafada, um rádio de onda curta, um computador portátil, um gerador, pilhas de DVD, e uma estante de armas numa das caves com algumas espingardas e caixas de munição.

Nenhum silenciador, mas a cavalo dado não se olha o dente.

Têm também sorte no que toca aos mortos-vivos. As casas de ambos os lados da que agora ocupam estão vazias: os seus habitantes deram obviamente de frosques antes de as coisas terem piorado. Duas casas abaixo, no lado ocidental, o Philip e o Nick encontram um casal idoso que se transformou, mas ambos são eliminados facilmente, rapidamente e — o que é mais importante — em silêncio com umas machadadas certas.

Nessa tarde, o Philip e os outros começam cautelosamente a construção da barricada em frente da entrada da casa colonial e das duas casas vizinhas, num total de mais de quarenta metros para os três lotes e uns dezoito dos lados, o que, segundo o Nick e o Bobby, é muita área a cobrir. Mas com as secções pré-fabricadas de cerca de três metros de comprimento que descobrem numa das casas vizinhas, e com bocados da cerca roubada da casa do outro lado da rua, o trabalho avança com uma rapidez surpreendente.

Ao cair da noite, o Philip e o Nick estão a ligar as últimas secções no extremo norte da barricada.

— Tenho estado de olho neles todo o dia — diz o Philip, fazendo pressão com a ponta curva da pistola de rebites contra a ferragem de junção no ângulo de duas secções. Está a referir-se ao enxame que frequenta o clube de golfe. O Nick anui com a cabeça enquanto segura e aperta as duas vigas de suporte uma contra a outra.

O Philip dispara e a pistola produz um som abafado, como o estalido de um chicote de metal, penetrando um rebite galvanizado de quinze centímetros nas placas de madeira. Como silenciador improvisado, colou-se-lhe na ponta com fita-cola um pedaço de cobertor.

— Ainda não vi nenhum aqui por perto — continua o Philip, limpando o suor do sobrolho e seguindo para a próxima secção de vigas de suporte. O Nick segura-as com firmeza e a ponta da pistola de rebites volta a fazer pressão.

FFFFFFFUMP!

— Não sei — diz o Nick com um tom cético na voz enquanto segue para a secção seguinte, com o suor a fazer o seu casaco de cetim de *roadie* colar-se-lhe às costas. — Continuo a achar que não é uma questão de *se...* mas de *quando*.

FFFFFFFUMP!

— Preocupas-te demais, rapaz — diz o Philip, seguindo para a próxima secção e puxando o fio da ligação elétrica da pistola. O cabo da extensão serpenteia até uma tomada na esquina da casa vizinha. O Philip teve de ligar seis extensões de cabo de oito metros cada para conseguir uma ligação. Faz uma pausa e olha por cima do ombro.

A uns quarenta metros de distância, no pátio das traseiras da casa colonial, o Brian empurra a Penny num baloiço. O Philip levou algum tempo a habituar-se à ideia de ter o inútil do irmão a cuidar da sua preciosa filha, mas neste momento o Brian é a melhor ama que ele pode arranjar.

O parque infantil é, como não podia deixar de ser, luxuoso. Os ricos adoram mimar os filhos com estas merdas. Este — onde o miúdo desaparecido devia brincar certamente — tem tudo: escorrega, casa em miniatura, quatro baloiços, muro de trepar, barras de macaco e caixa de areia.

— Temos tudo o que precisamos aqui — diz o Philip, voltando ao trabalho. — Desde que mantenhamos a cabeça fria, vamos ficar bem.

Enquanto colocam em posição a secção seguinte, os ruídos dos seus movimentos e das tábuas de madeira a baterem entre si ocultam o ruído característico de passos arrastados.

Os passos vêm do outro lado da rua. O Philip não os ouve até que o zombie errante está suficientemente perto que o seu odor se faça sentir.

É o Nick quem o cheira primeiro: aquela combinação negra, oleosa e bolorenta de proteínas em putrefação: detrito humano cozinhado em banha de porco. É ele quem avisa.

— Ei — diz, segurando uma viga — não estás a cheirar a...?

— Sim, cheira a...

Um braço com a cor e textura de uma barriga de peixe irrompe por uma fenda da barricada e agarra num bocado da camisa de ganga do Philip.

A atacante fora outrora uma mulher de meia-idade com um fato de treino caro, mas é agora um espectro emaciado com mangas rasgadas, dentes expostos e enegrecidos e os olhos pequenos como botões, como os de um peixe pré-histórico. A sua mão forma um gancho que agarra a camisa do Philip com a força de um torno feito de dedos frios e mortos. Ela emite um urro semelhante a um órgão de tubos quebrado enquanto o Philip gira na direção do seu machado, encostado a um carrinho de mão a uns seis metros.

Demasiado longe.

A mulher morta tenta morder a garganta do Philip com a voracidade de uma tartaruga gigante, e do outro lado do pátio o Nick tenta procurar uma arma, mas está tudo a acontecer depressa demais. O Philip retrocede uns passos e solta um grunhido, no momento em que se lembra de que ainda tem a pistola de rebites. Esquiva-se aos dentes do zombie, e ergue instintivamente a pistola.

Num movimento rápido, encosta a ponta desta à testa da morta-viva.
FFFFFFFUMP!

A zombie fica estática.

Os seus dedos gelados libertam a camisa do Philip.

Este solta-se dela, ofegando e olhando-a boquiaberto.

O cadáver vertical vacila por um momento, cambaleando como se estivesse bêbado, tremendo todo no seu nojento fato de treino de veludo da Pierre Cardin, mas não cai. A cabeça do rebite com mais de quinze centímetros é visível acima da cana do nariz da mulher, como se fosse uma pequena moeda que alguém tivesse enfiado ali.

A criatura mantém-se em pé durante uns segundos infundáveis, com os seus olhos de tubarão virados para o céu, até que começa lentamente a cambalear para trás ao longo do passeio, com uma expressão estranha, quase sonhadora, no seu rosto arruinado.

Por momentos, parece que a criatura se está a lembrar de algo, ou a ouvir algum ultrassom. Finalmente, cai sobre o relvado.

— Acho que o rebite faz estragos suficientes para os pôr fora de combate — diz o Philip depois do jantar, andando de um lado para o outro ao longo das janelas fechadas da bela sala de jantar, segurando a pistola de rebites na mão para melhor ilustrar o seu argumento.

Os outros estão sentados à longa mesa de carvalho, com os restos do jantar dispostos sobre ela. Foi o Brian que cozinhou nessa noite, descongelando carne assada no micro-ondas e fazendo um molho com *cabernet* envelhecido e um pouco de natas. A Penny está no salão contíguo a ver um DVD da *Dora Exploradora*.

— Sim, mas viste como aquela coisa caiu? — observa o Nick, empurrando um pedaço de carne através do prato. — Depois de lhe dares o tiro... parecia que o raio da coisa ficou drogada durante um segundo.

O Philip continua a andar, carregando no gatilho da pistola de rebites e pensando.

— Tudo bem, mas acabou por cair.

— Faz menos barulho do que uma arma de fogo, disso não há dúvida.

— E é muito mais fácil do que abrir-lhes o crânio com um machado.
O Bobby acaba de se servir com mais uma dose de carne e molho.
— Pena que não haja uma extensão com mais de nove quilómetros — diz com a boca cheia.
O Philip continua a carregar no gatilho.
— Talvez pudéssemos ligar este brinquedo a uma bateria ou gerador.
O Nick olha na sua direção.
— Como uma bateria de carro?
— Não. Algo que se pudesse transportar mais facilmente, algo como aquelas pilhas enormes de lanterna ou então algo tirado de um desses cortadores de relva.
O Nick encolhe os ombros.
O Bobby come.
O Philip anda de um lado para o outro e pensa.
O Brian olha para a parede, e murmura.
— É algo nos cérebros deles.
— O quê? — diz o Philip olhando para o seu irmão. — O que disseste, Brian?
O Brian olha para ele.
— Essas criaturas... a doença. Está tudo no cérebro, certo? Tem de estar. — Faz uma pausa. Olha para o prato. — Ainda acho que nem sabemos sequer se estão mortos.
O Nick olha para o Brian.
— Queres dizer, depois de os termos abatido? Depois de os... destruímos?
— Não. *Antes* — diz o Brian. — Quer dizer, o seu próprio estado.
O Philip para de andar.
— Porra, Brian... Na segunda, vimos um deles ser esmagado por um camião de dezoito rodas, e dez minutos depois lá andava ele a arrastar-se pela rua com as tripas de fora. Estão fartos de dizer isso nas notícias. Estão mortos, pá. Mortinhos da silva.
— Estou apenas a dizer que o sistema nervoso central é complicado, pá. Toda esta merda que se infiltra no meio ambiente, todas estas merdas novas.
— Estou mesmo a ver que queres levar um daqueles bichos ao médico para um exame...
O Brian suspira.
— Só estou a dizer que não sabemos o suficiente ainda. Não sabemos peva.
— Sabemos o que precisamos de saber — diz o Philip, olhando diretamente para o seu irmão. — Sabemos que todos os dias aparecem mais

daquelas criaturas de merda, e que tudo o que parecem querer é a nós para o almoço. E é precisamente por isso que vamos ficar por aqui uns tempos, e deixar correr as coisas um bocado.

O Brian lança um novo suspiro, doloroso e cansado. Os outros permanecem em silêncio.

Naquela calmaria, conseguem ouvir os ruídos débeis que têm ouvido toda a noite, vindos da escuridão lá fora: as batidas abafadas e intermitentes das criaturas irracionais contra a barricada.

Apesar dos esforços do Philip para a erguer o mais rapidamente e silenciosamente possível, a comoção daquele dia na construção da barreira atraiu mais mortos-vivos às redondezas.

— Quanto tempo achas que vamos conseguir ficar aqui? — pergunta o Brian serenamente.

O Philip senta-se, pousa a pistola de rebites em cima da mesa e sorve mais um golo de bourbon. Com a cabeça aponta para o salão ao lado, de onde chegam num fluxo irregular as vozes alegres de um desenho animado.

— Ela precisa de descansar — diz o Philip. — Está exausta.

— Ela adora aquele parque de diversões lá fora — diz o Brian com um sorriso triste.

O Philip anui com a cabeça.

— Ela pode ter uma vida normal aqui por uns tempos.

Olham todos para ele, e todos ruminam em silêncio aquelas palavras.

— Aos ricos filhos da puta de todo o mundo — diz o Philip, erguendo o copo.

Os outros respondem ao brinde sem saberem exatamente ao que estão a brindar... e quanto tempo tudo aquilo durará.

QUATRO

No dia seguinte, sob um sol límpido de outono e a guarda atenta do Brian, a Penny está a brincar no pátio das traseiras. Brinca toda a manhã, enquanto os outros fazem o inventário e a inspeção dos mantimentos. À tarde, o Philip e o Nick entaipam as janelas da cave e tentam ligar a pistola de rebites a um carregador, sem sucesso, enquanto o Bobby, o Brian e a Penny jogam às cartas no salão.

A proximidade dos mortos-vivos é um fator constante, nadando como um tubarão sob a superfície de cada decisão, de cada atividade. Mas, por enquanto, há apenas os ocasionais zombies perdidos, os errantes que vêm bater contra a cerca e depois seguem o seu caminho. Em geral, a atividade atrás do baluarte de madeira de cedro da Green Briar Lane, com mais de dois metros de altura, tem-se mantido até agora longe da curiosidade do enxame.

Nessa noite, depois do jantar, com as cortinas corridas, veem em conjunto um filme do Jim Carrey, e quase se sentem normais outra vez. Começam a habituar-se a este lugar. As batidas abafadas e ocasionais contra a cerca já mal se fazem ouvir. O Brian já quase se esqueceu do rapaz de doze anos desaparecido, e, depois da Penny ir para a cama, os homens fazem planos a longo prazo.

Discutem as implicações de ficarem naquela casa enquanto houver mantimentos. Têm comida que chega para semanas. O Nick pergunta se não seria bom algum deles ir sondar a situação das estradas até Atlanta, mas o Philip permanece firme na convicção de que devem ficar ali.

— Os que ficaram lá fora que se amanhem entre eles... — lança ele.

O Nick continua a seguir as rádios, a televisão e a internet. E, tal como as funções corporais de um paciente terminal, os órgãos dos media parecem ir-se apagando um atrás do outro. Agora, a maior parte das estações de rádio estão a passar programas pré-gravados ou mensagens de emergência perfeitamente inúteis. As estações de televisão, os canais por cabo que ainda funcionam, estão agora limitados a anúncios da proteção civil em ciclos

ininterruptos de vinte e quatro horas ou, inexplicavelmente, a blocos de banais programas de tele vendas.

Ao terceiro dia, o Nick apercebe-se de que a maior parte do sinal de rádio é estática, que a maior parte dos canais por cabo está sem imagem e que o sinal de Wi-Fi em casa desapareceu. As ligações dial-up não estão a funcionar, e as chamadas que ele tem feito para número de emergência — que até aí davam acesso apenas a gravações — estão agora a ser atendidas pelo clássico “manguito” da companhia de telefones: “o número de telefone para o qual está a ligar não está de momento disponível, por favor tente mais tarde”.

Ao fim da manhã desse dia, o céu enche-se de nuvens.

À tarde, cai sobre a comunidade uma neblina lúgubre e fria, e todos correm para dentro de casa, tentando ignorar o facto de que a linha entre estar a salvo e estar preso é muito ténue. Com a exceção do Nick, estão todos cansados de falar de Atlanta. Atlanta parece estar mais do que longe, como se, quanto mais pensarem sobre os mais de trinta quilómetros entre Wiltshire e a cidade, mais intransponíveis eles parecem.

Nessa noite, depois de todos terem ido dormir, o Philip senta-se para fazer o seu turno de vigia junto à Penny que já dorme.

A neblina evoluiu para o ribombar de trovões acompanhados de relâmpagos.

Enfiando o dedo entre duas fitas da persiana, Philip olha para a escuridão lá fora. Através da fresta, consegue ver, por cima da barricada, as sinuosas ruas laterais e as sombras maciças dos carvalhos, com os seus ramos dobrados pela força do vento.

Os relâmpagos lançam uma luz trémula sobre tudo.

A uns duzentos metros de distância, uma dúzia de silhuetas humanas define-se naquela luz estroboscópica, caminhando sem rumo à chuva.

Do seu ponto de observação é difícil saber, mas parece-lhe que as criaturas estão — naquela sua maneira pesada, típica de vítimas de trombose ou doentes mentais — a dirigir-se *para a casa*. Será que lhes cheira a carne fresca? Terão sido atraídos pelo ruído de atividade humana? Ou estão apenas a andar ao acaso, como peixes deformados num aquário?

Nesse preciso instante, pela primeira vez desde que chegaram aos Wiltshire Estates, Philip Blake começa a pensar se os dias de descanso neste refúgio uterino de carpetes e sofás confortáveis não estarão contados.

O quarto dia amanhece frio e coberto de nuvens. O céu cor de chumbo pesa sobre os relvados molhados e as casas abandonadas. Ainda que nin-

guém se lembre de o celebrar, o novo dia traz com ele um marco: o início da segunda semana da praga.

O Philip está agora no salão com a chávena de café na mão, a espreitar através das persianas para a barricada improvisada. Na luz pálida da manhã, consegue ver o extremo nordeste da barricada a estremecer e a abanar.

— Filha da mãe — murmura quase impercetivelmente.

— Que se passa? — pergunta o Brian, e a voz dele desperta Philip do seu torpor.

— Vieram mais.

— Merda. Quantos?

— Não dá para ver.

— O que fazemos?

— Bobby!

A figura enorme deste aparece no salão, com as calças de fato de treino e os pés descalços, a comer uma banana.

— Veste-te! — ordena Philip ao seu colega corpulento.

O Bobby engole um pedaço de banana.

— Que é que foi?

O Philip ignora esta pergunta e olha para o Brian.

— Mantém a Penny na salinha.

— Tudo bem — diz o Brian e corre para fora do salão.

Dirigindo-se para as escadas, o Philip lança ordens.

— Vai buscar a pistola de rebites e todas as extensões elétricas que conseguires trazer contigo... E machados!

FFFFFFFFFFFFFFFFFOOOMP! O quinto desfalece como uma boneca de trapos gigante vestida com calças de fato sujas, os seus olhos mortos e leitosos a rolar para trás enquanto o corpo pútrido cai do outro lado da cerca e se estatela no passeio. O Philip recua, ofegando profusamente devido ao esforço, sentindo o suor a manchar-lhe as calças e o blusão de ganga.

Do primeiro ao quarto — uma mulher e três homens — a coisa tinha sido tão fácil como pescar peixes num aquário, com o Philip a chegar-se a eles e a encostar-lhes a boca da pistola de rebites enquanto eles investiam pelo lado mais frágil no canto da cerca. Tudo o que teve de fazer foi arranjar um bom ângulo de disparo e fazer mira às testas deles. Derrubou um atrás do outro, rapidamente. FFFFFFFFFFFFFFFFFOOOMP! FFFFFFFFFFFFFFFFFOOOMP! FFFFFFFFFFFFFFFFFOOOMP! FFFFFFFFFFFFFFFFFOOOMP!

O quinto tinha sido mais complicado. Saindo no último segundo da mira de tiro, tinha feito um movimento estranho e conseguido esticar o

pescoço na direção do Philip, com os maxilares em plena preparação da mordida. O Philip teve de gastar dois rebites, que fizeram ambos ricochete no passeio, antes de conseguirem enfiar um bem em cheio no córtex cerebral daquele filho da puta de fatinho.

Recuperando o fôlego, dobrado pelo cansaço, ainda com a pistola de rebites na mão direita, ligada à eletricidade da casa por quatro extensões de oito metros, o Philip endireita-se e põe-se à escuta. O passeio em frente está silencioso. A cerca está imóvel.

Olhando por cima do ombro, vê o Bobby Marsh no pátio das traseiras, a uns trinta metros. Está de cu gordo sentado no chão, a tentar recuperar o fôlego, encostado a uma casota de cão abandonada. A casota tem uma cobertura de telhas e as palavras LADDIE BOY escritas por cima da entrada.

Cabrões de ricasas mais os filhos da puta dos cães dele, pensa o Philip, ainda algo frenético e excitado. O filho da puta do cão devia comer melhor do que muitos miúdos.

Do outro lado da cerca das traseiras, a uns seis metros do Bobby, jazem os restos de uma morta-viva sobre um pequeno monte. Ela tem ainda um machado espetado no crânio, que foi como o Bobby acabou com ela.

O Philip acena para o Bobby e lança-lhe um olhar duro e inquisitivo: *tudo a correr bem?*

O Bobby responde-lhe levantando um dos polegares.

Então, quase sem aviso, as coisas começam a acontecer muito depressa.

O primeiro indício de que algo não está realmente nada bem chega quase ao mesmo tempo em que o Bobby faz o sinal com o polegar ao seu amigo, líder e mentor. Banhado em suor, com o coração a bater pelo peso do seu corpo enquanto se encosta contra a casota do cão, o Bobby consegue ainda fazer acompanhar o sinal do dedo com um sorriso, não prestando qualquer atenção ao som abafado que vem de dentro da casota.

Já há anos que o Bobby Marsh deseja secreta e ardentemente agradar ao Philip Blake, e a antecipação de poder elevar o seu polegar e mostrá-lo ao Philip depois de cumprir com sucesso uma missão dura e suja enche-o de uma estranha sensação de satisfação.

Filho único, conseguindo sobreviver com dificuldade depois de sair do liceu, o Bobby andara sempre com o Philip antes da morte da Sarah, e depois dela — quando o Philip se afastara dos seus companheiros de bebedeiras — tentara desesperadamente restabelecer contacto. Mas o Bobby ligava ao Philip demasiadas vezes, falava demais quando estavam juntos e fazia, frequentemente, figuras tristes ao tentar estar ao nível do duro e estoico líder do grupo. Mas agora, de uma forma esquisita, o Bobby sente que

esta bizarra epidemia lhe deu, entre outras coisas, uma chance de criar de novo uma ligação com o Philip.

Será por isso que, ao início, o Bobby parece não escutar o ruído dentro da casota.

Quando finalmente a pancada surda se faz ouvir, como se um coração gigante estivesse a bater dentro da cabana em miniatura, o sorriso do Bobby congela-se-lhe no rosto e o seu polegar erguido cai para o lado. E, quando as sinapses do cérebro dele conseguem assimilar o facto de que há algo dentro da casota, algo que se mexe, e o Bobby consegue por fim mover-se, já é tarde demais.

Algo pequeno e rasteiro lança-se para fora da casota através da abertura.

O Philip está já a meio do pátio, em plena corrida, quando se torna claro que a coisa que acaba de se ejetar da casota é um pequeno ser humano — ou, pelo menos, uma cópia distorcida, pútrida e azulada de um pequeno ser humano — com folhas e merda de cão nas suas franjas loiras, e com as pernas e cintura envoltas numa correia.

— Fodaaaaaaa-sssssssseeeee!!!!!!!

O Bobby grita e recua como pode diante do cadáver de doze anos, no momento em que a coisa que fora antes um rapaz se atira à sua perna grossa como um toucinho.

Puxando e libertando a perna no momento exato, o Bobby cai de lado ao mesmo tempo que o pequeno rosto distorcido, como uma cabaça esvaziada com dois buracos a fazer de olhos, abocanha a relva sobre a qual estivera a perna do Bobby um segundo antes.

O Philip está agora a quinze metros, correndo a toda a velocidade em direção à casota, levantando e apontando a pistola de rebites, como uma varinha mágica, ao monstro em miniatura. O Bobby rasteja de barriga para baixo na relva, patético, com as nádegas à mostra, gritando e arfando como uma rapariguinha.

O pequeno monstro move-se com a energia trôpega de uma tarântula, gatinhando sobre a relva na direção do Bobby. O gordo tenta levantar-se e correr, mas tropeça e volta a cair, de barriga para cima desta vez.

O Philip está a seis metros quando o Bobby começa a guinchar mais alto. A criança zombie alcançou o tornozelo do Bobby com a sua mão em forma de garra e, antes que este consiga puxar e libertar-se de novo, enterra os dentes putrefactos na perna dele.

— Caraaaaalho! — grita o Philip ao aproximar-se dos dois com a pistola.

Uns trinta metros atrás dele, a extensão solta-se da tomada.

O Philip encosta a ponta da pistola à nuca da criatura enquanto o monstro se fixa ao corpo gordo e tremente do Bobby.

O gatilho da pistola faz clique. Nada. O zombie continua a escavar a coxa flácida do Bobby, como uma piranha, rompendo a sua artéria femoral e arrancando metade do escroto com a mordida. Os gritos do Bobby são agora uivos ululantes. O Philip atira instintivamente a pistola para o lado, e depois agarra no monstro. Arranca-o do seu amigo como se se tratasse de uma sanguessuga gigante e atira-o de cabeça para baixo para o outro extremo do relvado antes que ele possa dar outra mordida.

A criança morta cai pesadamente a uns seis metros de distância e rola na relva lamacenta.

O Nick e o Brian saem a correr da casa, e este tenta agarrar no fio da extensão, enquanto aquele se dirige de picareta na mão para junto do Philip. Este agarra o Bobby e tenta impedi-lo de se contorcer e gritar, porque, com isso, a sua hemorragia é ainda maior: da enorme ferida saem já jatos de sangue ao mesmo ritmo da pulsação acelerada do Bobby. O Philip espalma a mão sobre a perna do Bobby, conseguindo estancar um pouco o fluxo, e vendo o sangue a escorrer-lhe por entre os dedos gordurosos, enquanto consegue detetar, na sua visão periférica, outras figuras que se movem. A coisa morta está de novo a rastejar pelo terreno húmido em direção ao Bobby e ao Philip, e o Nick não hesita. Aproximando-se como uma flecha, com os olhos bem abertos pelo pânico e a raiva, levanta a picareta: esta silva no ar e a sua ponta aguçada desce sobre a nuca da criança zombie e espetta-se nela a uns sete centímetros de profundidade. O monstro esvazia-se. O Philip grita ao Nick algo como “um cinto, um CINTO!”, e agora o Nick está estacado, tateando em busca do seu cinto. O Philip não tem formação em primeiros-socorros, mas sabe o suficiente para fazer um torniquete em torno da ferida. Põe o cinto do Nick à volta da perna do homem tremente, e o Bobby está a tentar falar outra vez mas parece alguém a entrar em hipotermia, com os lábios a mexerem-se e a tremerem em silêncio. Entretanto, enquanto tudo isto se passa, o Brian está a trinta metros dali, a ligar de novo a extensão à tomada, talvez porque nada mais lhe ocorre fazer na altura. A pistola de rebites está na relva a uns quatro metros do Philip. Por esta altura, este está a gritar ao Nick que traga “PENSOS E ÁLCOOL, QUALQUER COISA, CARALHO!” Ele apressa-se a voltar à casa, ainda de picareta na mão, enquanto o Brian se aproxima e vê a coisa morta deitada de cara para baixo no relvado, com o crânio desinchado. Mantendo-se afastado dela o mais possível, pega na pistola e, pelo sim, pelo não, inspeciona o pequeno monte do outro lado da cerca das traseiras, enquanto o Philip sustém o Bobby nos seus braços como a um bebé gigante. O Bobby chora, respirando ruído-

samente e a um ritmo entrecortado e rápido. O seu amigo conforta-o, murmurando palavras de encorajamento e assegurando-lhe que tudo ficará bem. Mas é óbvio, no momento em que o Brian se aproxima deles cautelosamente, que nada irá ficar bem.

Uns minutos mais tarde, o Nick regressa com algodão em rama, pensos rápidos e uma garrafa de plástico com álcool num dos bolsos de trás das calças e um rolo de gaze no outro. Mas algo mudara. A emergência tinha-se transformado em algo mais negro: um velório.

— Temos de o levar para dentro de casa — diz o Philip, empapado com o sangue do seu amigo. Mas não faz qualquer esforço para o levantar. O Bobby Marsh vai morrer. Isso é claro para todos.

É especialmente claro para o Bobby, que está agora em estado de choque, olhando para o céu cor de chumbo e tentando falar.

O Brian está junto a ele, segurando a pistola de rebites e a olhar para baixo, para o Bobby. O Nick pousa os pensos e solta um suspiro angustiado. Parece que vai começar a chorar, mas em vez disso limita-se a deixar-se cair sobre os joelhos do outro lado do Bobby e a baixar a cabeça.

— In...in...n...

O Bobby tenta desesperadamente comunicar algo ao Philip.

— Chiu...

O Philip passa a mão pelo ombro do homem deitado. Não consegue pensar. Vira-se, agarra em alguns pensos e em algodão e começa a tratar da ferida.

— Nnn...nn...NÃO!

O Bobby afasta o penso e o algodão.

— Raisparta, Bobby!

— Nn...NÃO!

O Philip para, engole em seco e olha para os olhos húmidos do moribundo.

— Vai ficar tudo bem — diz ele, com uma nítida mudança na voz.

— N...não, não vai! — consegue retorquir o Bobby. Lá bem no alto, alçures no céu, um corvo tagarela sem parar. O Bobby sabe o que vai acontecer. Viram um homem morto numa vala comum em Covington erguer-se em menos de dez minutos. — Pá...para de dizer isso, Philly!

— Bobby...

— Acabou — diz o Bobby num murmúrio fraquíssimo, e os seus olhos rolam para trás por um momento. Então vê a pistola de rebites na mão do Brian. Com os seus dedos grossos como salsichas, tenta alcançar o bocal.

O Brian deixa cair a pistola imediatamente.

— Porra, temos de o levar para dentro!

A voz do Philip está envolta em desespero no preciso momento em que o Bobby, tateando, consegue alcançar a pistola. Agarra-a com a mão gorda e tenta encostá-la à sua têmpora.

— Meu Deus — ouve-se o Nick dizer.

— Tirem-lhe aquela coisa da mão!

Com o braço, o Philip gesticula para o Brian ordenando-lhe que se afaste.

As lágrimas descem pelos lados da enorme cabeça do Bobby, limpando o sangue seco em finas tiras.

— Por... por fav... favor, Philly — murmura ele. — Fá-lo... Força!

O Philip levanta-se.

— Nick! Vem cá!

Virando-se, dá alguns passos na direção da casa.

O Nick levanta-se e junta-se ao Philip. Os dois homens estão a uns quatro metros e meio do Bobby, longe do alcance da sua audição, de costas voltadas e as suas vozes tensas soam baixo.

— Temos de cortá-la — diz o Philip prontamente.

— Temos de quê?

— Amputar-lhe a perna.

— O quê!?

— Antes que a infeção se alastre.

— Mas como é que...

— Não sabemos qual a rapidez da infeção, temos de tentar, devemos-lhe isso ao menos.

— Mas...

— Quero que vás buscar a serra de arco ao barracão e também...

Um voz vinda de trás deles interrompe a tensa litania do Philip.

— Ei!

É o Brian, e, pelo tom lúgubre da sua voz nasalada, a novidade não deve ser boa.

O Philip e o Nick voltam-se.

O Bobby Marsh está imóvel como uma pedra.

Os olhos do Brian enchem-se de lágrimas quando se ajoelha junto ao corpo.

— É tarde de mais.

O Philip e o Nick vêm para junto do cadáver do Bobby, que tem os olhos fechados. O seu peito enorme e flácido não se move, e a boca pende ligeiramente para o lado.

— Oh, não... Por amor de Deus, isto não — diz o Nick, olhando para o amigo morto.

O Philip não diz nada durante muito tempo. Ninguém diz nada.

O corpo imenso permanece imóvel, ali na terra húmida, durante minutos que parecem uma eternidade. Até que algo agita as extremidades do homem, os tendões das suas pernas maciças e as pontas dos dedos roliços.

De início, o fenómeno parece semelhante ao dos reflexos nervosos residuais que os agentes funerários conhecem bem, os últimos efeitos mecânicos do sistema nervoso de um cadáver. Mas, enquanto o Nick e o Brian olham embasbacados para o corpo, ambos erguendo-se e depois recuando lentamente, o Philip aproxima-se e, com uma súbita expressão de propósito no rosto, ajoelha-se.

Os olhos do Bobby Marsh abrem-se.

As pupilas estão brancas e parecem cobertas de pus.

O Philip agarra na pistola de rebites e encosta-a à testa do homem enorme, mesmo acima da sobrançelha esquerda.

FFFFFFFUUMP!

Horas mais tarde. Dentro de casa. Depois do anoitecer. A Penny a dormir. O Nick na cozinha, a afogar as mágoas em uísque, o Brian em parte incerta, o cadáver do Bobby a arrefecer no pátio das traseiras, coberto por uma lona junto aos outros corpos, e o Philip em pé no salão, junto à janela, a olhar para fora através dos interstícios das persianas e a ver o número cada vez maior de vultos negros na rua. Arrastam-se como sonâmbulos, de um lado para o outro ao longo da barricada. Há mais agora. Trinta, talvez. Ou quarenta.

A luz dos candeeiros da rua atravessa as frestas da cerca, e as silhuetas ambulantes quebram o feixe em intervalos irregulares, criando um efeito estroboscópico que enlouquece o Philip. Ouve a voz silenciosa dentro da sua cabeça, a mesma voz que se fez notar pela primeira vez quando a Sarah morreu: *queima a casa, queima tudo.*

Umhas horas antes, pouco depois da morte do Bobby, a voz quisera mutilar o corpo do rapaz de doze anos. A voz quisera estraçalhar aquela coisa morta. O Philip tinha-a acalmado, mas agora volta a debater-se com ela: *o pavio está aceso, amigo, tique-taque-tique-taque...*

O Philip afasta o olhar da janela e esfrega os olhos cansados.

— Faz bem deitares tudo cá para fora — diz-lhe uma voz diferente, vinda das trevas.

Virando-se, o Philip descobre a silhueta do seu irmão do outro lado do salão, junto à entrada da cozinha.

Voltando de novo o rosto para a janela, o Philip não diz nada. O Brian aproxima-se. Tem nas mãos trémulas um frasco de xarope para a tosse. As

lágrimas que lhe inundam os olhos febris são visíveis mesmo na escuridão. Fica ali uns segundos.

Então, numa voz suave, muito baixa para não acordar a Penny que dorme no sofá junto a eles, volta a dizer algo.

— Não há vergonha nenhuma em desabafar.

— Desabafar o *quê*?

— Ouve — continua o Brian — eu sei que estás a sofrer. — Funga, limpa a boca à manga e insiste com a voz rouca e congestionada. — Tudo o que queria dizer era que lamento isto do Bobby, sei que vocês eram...

— Acabou.

— Então, Philip...?

— Este sítio acabou, está morto.

O Brian olha para ele.

— O que queres dizer?

— Vamo-nos embora daqui.

— Mas pensei que...

— Olha — diz o Philip, apontando para as sombras que se acumulam na Green Brian Lane. — Estamos a atraí-los como moscas para a merda.

— Sim, mas a barricada ainda está a...

— Brian, quanto mais tempo ficarmos aqui, mais iremos ficar encerrados como numa prisão. — Olha através da janela — Temos de seguir caminho.

— Quando?

— Em breve.

— Amanhã?

— Começamos a preparar as trouxas de manhã, e carregamos o Suburban com o máximo de mantimentos que conseguirmos.

Silêncio.

O Brian olha para o seu irmão.

— Estás bem?

— Estou. — Continua a olhar pela janela — Vai dormir.

Ao pequeno-almoço, o Philip decide dizer à sua filha que o Bobby teve de ir embora — “cuidar dos papás dele” — e a explicação parece satisfazer a menina.

Mais tarde, ainda durante essa manhã, o Nick e o Philip cavam a sepultura nas traseiras, escolhendo um local de terra mais macia no fundo do jardim, enquanto o Brian mantém a Penny ocupada dentro de casa. O Brian acha que deviam contar à Penny algo do que aconteceu, mas o Philip diz-lhe para se calar e não se meter onde não é chamado.

Agora, em frente à latada de rosas no jardim, o Philip e o Nick pegam no corpo enorme e envolto em lona e depositam-no no buraco que abriram.

Levam ainda algum tempo a cobrir o buraco com terra, cada um a atirar pazada atrás de pazada de fértil solo da Georgia para cima do seu amigo. Enquanto trabalham, o gemido atonal dos mortos-vivos vagueia transportado pelo vento.

É mais um dia coberto de nuvens e que promete tempestade, e os sons da horda de zombies elevam-se ao céu e por sobre os tetos das casas. Deixam o Philip doido, suando profusamente enquanto atira terra para cima da cova. O odor a carne putrefacta, negra de morte e gordurosa está tão forte como sempre. O estômago do Philip contrai-se durante as últimas pazadas.

Apoiados sobre as pás, os fios de suor que lhes cobrem os pescoços a arrefecerem, o Philip e o Nick descansam, imóveis, um em cada extremo da enorme sepultura. Nenhum diz seja o que for durante largos minutos, perdidos em pensamentos. Por fim, o Nick olha para o seu amigo e, muito suavemente, com uma voz cansada e um tom deferente, diz algo.

— Queres dizer umas palavras?

O Philip olha-o do outro extremo da sepultura. Os gemidos vêm de todas as direções, como o zumbido de gafanhotos, tão altos que mal consegue pensar.

Precisamente nesse momento, sem saber bem porquê, Philip Blake lembra-se da noite em que os três amigos se embebedaram e entraram à socapa no drive-in Starliter, lá para os lados da Waverly Road, e se meteram na cabine de projecção. Agitando os seus dedos gorduchos em frente do projetor, o Bobby tinha feito um teatro de sombras aparecer no ecrã distante. O Philip tinha-se rido tanto nessa noite que julgou que ia vomitar, a ver as silhuetas de coelhos e patos a passarem em frente das imagens do Chuck Norris a aplicar uns pontapés em nazis.

— Havia quem pensasse que o Bobby Marsh era um idiota — diz o Philip, de cabeça baixa e olhar pousado no chão — mas não o conheciam. Era um tipo leal, engraçado, e era um amigo do caraças... E morreu como um homem.

O Nick olha também para o chão, com uma ligeira tremura nos ombros e na voz, e as suas palavras mal se fazem ouvir no meio do clamor que os rodeia.

— Deus Todo Poderoso, transforma com a tua bondade o negrume da morte na alvorada de uma nova vida, e a amargura da partida na alegria dos céus.

O Philip sente as lágrimas a quererem brotar dos seus olhos, e aperta os dentes com tanta força que o maxilar quase vibra.

— Por nosso Salvador, Jesus Cristo — continua o Nick numa voz trémula — que morreu, ressuscitou e vive para sempre. Ámen.

— Ámen — consegue dizer o Philip num coaxo tão débil que soa quase estranho vindo dele.

O enxamear incessante dos mortos-vivos aumenta e ouve-se cada vez mais alto.

— CALEM-SE, CARALHO! — grita o Philip aos zombies, cujos gemidos chegam de todos os lados agora — MORTOS-VIVOS DE MERDA, FILHOS DA PUTA! — Afasta-se da proximidade da sepultura, virando-se lentamente. — VOU FODER-VOS A TODOS, PANELEIROS CANIBAIAS DO CARALHO! VOU ARRANCAR-VOS A PUTA DA CABEÇA, A TODOS, E CAGAR-VOS PELO PESCOÇO ABAIXO!!!

Ao ouvir isto, o Nick começa a soluçar, enquanto o Philip perde o fôlego e se deixa cair de joelhos.

Enquanto o Nick chora, o Philip apenas olha para a terra fresca e revolta, como se esta ocultasse alguma resposta.

Se alguma vez houve dúvidas sobre quem estava ao comando — e nunca houve — é agora claríssimo que o Philip é o alfa e o ómega da situação.

Passam o resto desse dia a prepararem as coisas para partirem, e o Philip distribui ordens em monossílabos com uma voz grave e séria, moldada pela tensão.

— Leva a caixa de ferramentas — profere com um resmungo. — As pilhas para a lanterna — murmura. — É essa caixa de cartuchos — balbucia. — E mais um par de cobertores também.

O Nick acha que deviam levar dois carros.

Ainda que a maior parte dos veículos abandonados na comunidade estejam prontos a serem tomados — muitos dos quais são últimos modelos de luxo, e muitos com as chaves ainda na ignição — o Brian receia que não seja boa ideia dividir o pequeno grupo em dois. Ou então está apenas a agarrar-se ao seu irmão agora. Talvez tenha a necessidade de estar perto do centro de gravidade.

Decidem manter-se no Chevy Suburban. Aquilo é um autêntico tanque.

Que é precisamente o que precisam para chegarem a Atlanta.

Com a sua teimosa gripe agora bem alojada nos pulmões, causando-lhe uma contínua chiadeira que pode ou não ser um indício de pneumonia, Brian Blake concentra-se na tarefa em mãos. Enche três enormes sacos tér-

micos com comida etiquetada com as datas do fim do prazo de consumo: carnes fumadas, queijos, contentores selados com sumo, iogurte, refrigerantes e maionese. Enche um caixote com pão, tiras de carne de porco seca, café instantâneo, água engarrafada, barrinhas energéticas, vitaminas, pratos de papel e talheres de plástico. Decide juntar-lhe um conjunto de facas de cozinha: cutelos, facas de serrilha e facas de desossar, para qualquer tipo de encontro imediato que possam ter pelo caminho.

A seguir enche outro caixote com papel higiénico, sabonete, toalhas e panos. Vasculha os armários de medicamentos e traz coisas para a gripe, comprimidos para dormir, analgésicos, e, enquanto faz isto, tem uma ideia. Algo que deve fazer antes de partirem.

Na cave, encontra uma lata de tinta vermelha da Benjamin Moore e uma trincha de cinco centímetros de largura. Descobre um pedaço de contraplacado velho, um quadrado de noventa centímetros de lado, e, rapidamente mas com o máximo cuidado, escreve uma mensagem: quatro palavras apenas, em maiúsculas, suficientemente grandes para poderem ser lidas por um carro em andamento. Prega dois pequenos apoios na aresta inferior da placa.

Leva a placa ao andar de cima e mostra-a ao seu irmão.

— Acho que devemos deixar isto no portão exterior — diz-lhe.

O Philip limita-se a acolher os ombros e a responder-lhe que é com ele, se ele assim o entender.

Querem esperar pelo anoitecer para saírem. Às sete da tarde em ponto, com o sol frio e de tons metálicos a esconder-se por trás dos telhados, começam a meter tudo rapidamente no Suburban. Trabalhando com ligeireza enquanto as sombras se alongam e os monstros investem contra a barricada, formam uma espécie de fila de auxílio a incêndios: em vez de baldes de água, passam de uns para os outros malas e caixas da porta lateral da casa até à bagageira do veículo.

Levam os machados com que vieram, junto com um sortido adicional de picaretas, pás, machadinhas, serras e outras lâminas cortantes que tiraram do barracão das traseiras. Trazem corda, arame, luzes de sinalização, casacos, botas de neve e acendalhas. Levam também um pedaço de mangueria e todos os bidões de plástico para gasolina que conseguem meter na bagageira.

O depósito do Suburban está cheio — o Philip conseguiu tirar uns quarenta litros de combustível de um carro abandonado na garagem da casa vizinha — pois não fazem ideia de como estão as estações de serviço locais.

Nos últimos quatro dias, o Philip descobriu uma variedade de armas

desportivas nas casas em redor. Os ricos adoram caçar patos por estas bandas. Adoram fazer mira às cabeças dos bichos com as suas espingardas poderosas de dentro de esconderijos aquecidos e luxuosos, e lançar os seus cães de raça pura.

O pai do Philip costumava caçar da forma mais dura, com nada mais do que botas de borracha, aguardente e mau feitio.

Agora o Philip escolhe três armas de fogo para enfiar nos respetivos sacos de vinil e guardar na bagageira: uma carabina Winchester de calibre .22 e duas caçadeiras Marlin modelo 55. As Marlin são particularmente úteis. São conhecidas como “armas de caçar gansos”. Rápidas, precisas e poderosas, são destinadas a matar aves migratórias em pleno voo a alta altitude. Ou, neste caso, a acertar no centro de um crânio a cem metros de distância.

São quase oito da noite quando acabam de carregar tudo no Suburban e instalar a Penny no assento do meio. Envolta num casaco acolchoado, com o seu pinguim de peluche ao lado, o rosto pálido, apesar de um rubor inesperado nas faces, mostra fadiga e apatia, como se ela estivesse a caminho de uma consulta no pediatra.

Abrem-se e depois fecham-se as portas. O Philip senta-se ao volante. O Nick ocupa o assento do passageiro da frente, e o Brian senta-se junto à Penny no meio. A placa está apoiada no chão da viatura, encostada aos joelhos do Brian.

É ligada a ignição. O rugir do motor penetra as trevas circundantes, fazendo os mortos-vivos agitarem-se do outro lado da barricada.

— Vamos fazer isto depressinha, se não se importam — diz o Philip baixo, pondo a marcha-atrás. — Segurem-se.

Carrega no pedal, e o quatro-por-quatro agarra o piso.

A força gravitacional atira todos para a frente à medida que o Suburban recua.

Pelo espelho retrovisor, pode ver-se o ponto fraco da barricada a aproximar-se, a aproximar-se até... BUM! O veículo atravessa a barreira de placas de madeira e irrompe na Green Brian Lane fracamente iluminada.

Quando o Philip trava bruscamente, a traseira do veículo colide com um morto-vivo. Este é lançado a uns seis metros de altura atrás deles, fazendo uma flácida pirueta no meio de uma neblina de sangue, e um pedaço do seu braço podre solta-se e gira no ar na direção oposta.

O Suburban arranca pela rua principal abaixo, atropelando mais três zombies, que voam pelos ares. A cada impacto, a vibração surda que percorre o chassis — bem como a gosma amarelada que fica no para-brisas — faz com que a Penny se encolha e feche os olhos.

Ao fim da rua, o Philip gira o volante e faz a curva, e de seguida dirige-se para norte, para a entrada da comunidade.

Uns minutos mais tarde, está a gritar outra ordem.

— Pronto, podes ir pô-lo, mas depressa. DEPRESSA, ouviste?

Trava com firmeza, fazendo com que todos se inclinem para a frente nos seus assentos. Acabam de chegar ao portão principal, visível sob o feixe cónico da luz de um candeeiro que ilumina um curto segmento do carreiro de cascalho ladeado de arbustos.

— Não demoro — diz o Brian, agarrando na placa e abrindo a porta.
— Mantém o motor a trabalhar.

— Despacha-te!

O Brian sai do carro com a grande placa de madeira debaixo do braço.

No ar frio da noite, corre através do cascalho, mantendo a audição bem sensível às vibrações dos gemidos distantes. Eles vêm aí.

Escolhe um sítio mesmo à direita do portão de entrada, um pedaço do muro de tijolo que os arbustos não cobrem, e encosta aí a placa.

Afunda os apoios de madeira da placa no piso macio para a estabilizar, e depois regressa a correr para o carro, satisfeito por ter contribuído com a sua parte para o bem da humanidade, o que resta dela.

Depois de atravessarem o portão e seguirem viagem, todos eles, até a Penny, olham para trás pela janela da traseira e veem a pequena placa quadrada a afastar-se à distância:

TODOS MORTOS
NÃO
ENTRAR

CINCO

Dirigem-se para oeste, sem pressas, através da escuridão que envolve os campos em redor, mantendo uma velocidade de cinquenta quilómetros à hora. As quatro faixas da Interstate 20 estão pejadas de carros abandonados, à medida que o asfalto serpenteia em direção ao brilho rosado e doentio do horizonte, aonde a cidade espera como uma ferida de luz no céu da noite. Estão obrigados a contornar todos aqueles obstáculos e destroços com uma lentidão agonizante, mas conseguem percorrer pelo menos uns oito quilómetros antes de as coisas piorarem.

Durante a maior parte destes oito quilómetros, o Philip não deixa de pensar no Bobby e em tudo o que poderiam ter feito para o salvarem. A dor e o remorso estão a corroê-lo por dentro, um cancro que se transforma em algo mais negro e mais venenoso do que a mágoa. Para combater estas emoções, lembra-se continuamente do que os camionistas costumam dizer: *varre com o olhar, não olhes fixamente para nada*. Agarrando no volante com a técnica de uma longa prática a conduzir enormes camiões, vai ligeiramente inclinado para a frente, mantendo o olhar alerta e atento às bermas da autoestrada.

Durante oito quilómetros apenas uma mão cheia de mortos se deixam ver nas orlas fantasmagóricas das luzes dos faróis.

Perto de Conyers, passam por dois vagabundos que deambulam pela berma da estrada como soldados ensanguentados e em fuga. Ao passarem pelo centro comercial de Stonecrest, veem um punhado de silhuetas negras debruçadas sobre uma valeta, aparentemente a devorar a carne de algo que fora morto na estrada, humano ou animal, impossível de saber naquela escuridão. E fora tudo, durante esses oito quilómetros, pelo menos. O Philip mantém a velocidade regular (mas segura) a uns cinquenta à hora. Menos velocidade, e arriscam pescar um monstro à deriva; mais, e arriscam bater contra um dos muitos destroços e veículos abandonados que entopem as faixas de rodagem.

A rádio está morta, e os outros passageiros estão em silêncio, com os olhos colados à paisagem.

Os primeiros indícios da grande área metropolitana de Atlanta passam por eles em câmara lenta, uma série de pinhais entre os quais se veem urbanizações-dormitório e centros comerciais. Passam por stands de carros escuros como morgues, com oceanos infindáveis de modelos novos a refletirem o luar branco como leite. Passam por Waffle Houses desertas, com as janelas partidas como feridas abertas e parques de estacionamento abandonados como zonas de guerra. Pelo Shoney's, por parques de caravanas e Kmart's, cada um mais desolado e arruinado do que o anterior. Veem-se pequenos fogos aqui e ali. Os parques de estacionamento parecem sombrios quartos de brincar de crianças enlouquecidas, com carros abandonados e espalhados como brinquedos atirados numa birra. Estilhaços de vidro brilham por toda a parte.

Em menos de uma semana e meia, a praga atacou aparentemente os subúrbios de Atlanta. Aqui, entre as reservas naturais e os complexos de escritórios, para onde as famílias de classe média se mudaram ao longo dos anos, tentando fugir aos transportes públicos, às pesadas prestações da casa e ao stress da vida urbana, a epidemia destruiu a ordem social numa questão de dias. Mas, por alguma razão, é a visão de todas aquelas igrejas devastadas que mais perturba o Philip.

Cada santuário por que passam está em pior estado do que o anterior. O centro batista do New Birth Missionary, perto de Harmon, ainda fumega de um incêndio recente, e a sua cruz carbonizada ergue-se para os céus. Dois quilómetros e meio mais abaixo, por cima dos portões do seminário Luther Rice podem ver-se gatafunhos riscados à pressa em que se avisa quem passa de que o fim está próximo e o resgate dos virtuosos é iminente e os pecadores têm os dias contados. A catedral cristã da Unity Faith parece que foi saqueada, esvaziada de todo o seu recheio e que lhe mijaram em cima depois. O parque de estacionamento do palácio pentecostal de São João o Revelador parece um campo de batalha pejado de corpos, alguns deles ainda a mexerem-se, movidos pela típica fome sonâmbula dos mortos-vivos. Que tipo de deus deixaria isto acontecer? E, já agora: *que tipo de deus deixaria um rapaz simples e inocente como o Bobby Marsh morrer daquela maneira? Que tipo de...*

— Merda!

A voz vem do banco de trás, e arranca o Philip dos seus pensamentos.

— Que foi?

— Olha! — diz o Brian, com a voz enfraquecida pela gripe ou pelo medo, talvez por ambos. O Philip olha para o espelho retrovisor, e vê a expressão ansiosa do seu irmão à luz esverdeada do painel de instrumentos. O Brian está a apontar na direção do horizonte a oeste.

O Philip volta a dirigir o olhar para o para-brisas, e instintivamente abranda.

— O que é? Não vejo nada!

— Porra...! — diz agora o Nick no assento do passageiro. Está a olhar para uma clareira no pinhal à sua direita através da qual brilha uma luz intensa.

A uns quatrocentos metros à frente deles, a autoestrada vira a noroeste através de um pinhal. Para além das árvores, através das clareiras, podem ver-se chamas.

Há um incêndio na autoestrada.

— Raisparta! — lança o Philip num suspiro pleno de tensão. Abranda o veículo até um ritmo muito lento depois de fazerem a curva.

Em poucos minutos conseguem ver o camião cisterna caído na autoestrada, todo dobrado sobre si e envolto num casulo de chamas, como um dinossauro virado de pernas para o ar. A carcaça do camião bloqueia as duas faixas que se dirigem para oeste, e a sua cabine está desligada do corpo principal e desfeita em pedaços, misturada com outros três automóveis no separador e nas duas faixas para leste. As conchas chamuscadas de outros carros estão viradas para cima, por trás dos destroços em chamas.

Para além destes, as faixas parecem um parque de estacionamento, repletas de carros, alguns a arder, a maioria presos na cadeia de choque.

O Philip estaciona o Suburban na berma, a uns quarenta metros das chamas.

— É mesmo o que precisávamos... — diz para ninguém em particular, querendo lançar uma salva de impropérios e quase sem se conseguir conter (saber que os ouvidos da Penny estão ali tão próximos ajuda-o).

A esta distância, mesmo naquela escuridão, várias coisas são claras. Em primeiro lugar, e sobretudo, é claro que ou vão ter de encontrar uma equipa de bombeiros e equipamento para remoção de veículos pesados antes de continuarem caminho, ou vão ter de encontrar a porra de um desvio. Em segundo lugar, parece que o que se passou aqui se passou muito recentemente, hoje ainda, talvez apenas há umas horas. O piso em torno dos destroços está escurecido e cheio de marcas, como se um meteoro tivesse deixado ali uma cratera, e até as árvores junto à autoestrada estão chamuscadas pelas ondas de choque. Mesmo através das janelas fechadas do Suburban, o Philip consegue sentir o fedor acre do diesel a arder e da borracha derretida.

— E agora? — pergunta por fim o Brian.

— Temos de dar meia volta — diz o Nick, olhando por cima do ombro.

— Deixem-me pensar um momento — diz o Philip, olhando para a cabine do camião, com o teto arrancado como a tampa de uma lata. Na es-

curidão, notam-se ainda corpos carbonizados deitados ao longo da faixa do meio. Alguns deles contorcem-se com as ondulações preguiçosas de cobras a acordarem.

— Então, Philip? É impossível contornarmos isto!

— Talvez possamos cortar caminho até à autoestrada 278 — diz o Brian.

— CALEM-SE, CARALHO, E DEIXEM-ME PENSAR!

Aquele súbito acesso de raiva faz o crânio do Philip pulsar com a potência de uma enxaqueca devastadora, e, apertando os dentes e cerrando os punhos, liberta a sua voz interior, que lhe diz: *rompe, vá, quebra isso tudo, arranca-o...*

— Desculpa — diz finalmente, limpando a boca e virando-se para trás para a menina assustada que se encolhe no banco da traseira. — Desculpa, fofinha. O papá ficou um bocadinho maluco...

A pequena olha para o chão.

— O que queres fazer? — pergunta em surdina o Brian, e, pelo tom desesperado da sua voz, nota-se que seguiria o irmão até ao inferno se o Philip lhe dissesse que era a melhor opção.

— A última saída foi há... quê? Talvez há uns dois quilómetros? — O Philip olha por cima do ombro. — Acho que devíamos...

O som das palmadas ouve-se repentinamente, vindo do nada, e corta o fio de pensamentos do Philip.

A Penny grita.

— MERDA!

O Nick afasta-se num impulso da janela do carro, do outro lado da qual um corpo carbonizado emergiu das trevas.

— Baixa-te, Nick. Agora!

A voz do Philip é uniforme, sem emoção, como a de um locutor a ler as notícias na rádio, no momento em que se inclina para o porta-luvas, abre a pequena porta e vasculha dentro. A coisa do outro lado da janela encosta-se ao vidro, e, com a pele deformada pelas queimaduras, mal parece uma forma humana.

— Brian, tapa os olhos da Penny!

— MERDA, MERDA! — O Nick baixa-se e cobre a cabeça, como se estivesse prestes a ser vítima de um ataque aéreo. — MERDA! MERDA! MERDA!

O Philip encontra a Ruger de calibre .22 onde a deixou, já carregada com um cartucho na câmara. Num único movimento fluido, ele levanta a pistola com a mão direita enquanto, com a esquerda, toca no comando da janela do passageiro para baixá-la. O zombie queimado enfia o braço carbonizado e ossudo através da abertura, soltando um gemido gutural,

mas, antes de conseguir agarrar a camisa do Nick, o Philip dispara um tiro apenas, à queima-roupa e em cheio no crânio da criatura.

O eco do disparo é ensurdecedor dentro do Suburban, e faz com que todos saltem, ao mesmo tempo que o cadáver queimado parece ser atingido por uma violenta chicotada: o tiro acima da sua têmpora esquerda salpicou o interior do para-brisas de matéria cerebral.

A coisa desfalece do outro lado da porta do passageiro, e, com o zumbido que tem nos ouvidos, o Philip mal consegue ouvir o baque do corpo a cair no asfalto.

Os disparos de pistolas do calibre da Ruger têm um som único. A explosão soa como uma palmada dura e seca, como se uma mão gigantesca batesse numa superfície de cimento, e a arma quase sempre dá um coice e salta da mão do atirador.

Nessa noite, apesar de o interior do Suburban ter agido como uma espécie de silenciador, aquele disparo solitário ecoou através da paisagem envolta em trevas, reverberando por cima das copas das árvores e de complexos de escritórios, levado pelo vento.

A explosão pôde ser ouvida a mais de um quilómetro de distância, rompendo o silêncio das florestas remotas, penetrando os putrefactos canais auditivos de criaturas sombrias, despertando sistemas nervosos centrais já mortos.

— Estão todos bem? — O Philip olha em volta no interior escuro da viatura, pousando a arma ainda quente no chão junto a si. — Toda a gente bem?

O Nick apenas agora se ergue no assento, e os seus olhos estão bem abertos e injetados de sangue, no momento em que veem os resíduos da criatura que ficaram por dentro do para-brisas. A Penny mantém os olhos fechados e está ainda aninhada nos braços do Brian, que olha como um louco para todos os lados, para todas as janelas, tentando descobrir mais intrusos.

O Philip mete o Suburban em marcha-atrás e acelera, ao mesmo tempo que fecha a janela da porta do passageiro. Todos se inclinam para a frente quando a viatura arranca para trás, e percorre a distância — trinta metros, quarenta e cinco metros, sessenta metros — que os separa do camião cisterna em chamas.

Depois o Suburban para bruscamente e ficam ali sentados um momento, atordoados e em silêncio.

Nada se move lá fora por entre as sombras trémulas. Durante um tempo que parece imenso, ninguém diz uma palavra, mas o Philip está con-

vencido de que não é o único, nesse momento, a pensar que o caminho de trinta quilómetros que os separa da cidade vai ser muito mais duro do que pensavam de início.

Ficam sentados dentro do Suburban durante algum tempo, discutindo qual o melhor passo a dar a seguir, e isto deixa o Philip particularmente irritadiço. Não gosta de ficar sentado no mesmo sítio durante muito tempo, especialmente com o motor a trabalhar e a gastar combustível e tempo, e com aquelas sombras em movimento para além das árvores em chamas, mas o grupo parece não conseguir chegar a um consenso, e o Philip está a esforçar-se por ser um ditador benévolo nesta pequena república das bananas.

— Ouçam, continuo a achar que devíamos contorná-lo — diz ele, acompanhando com um gesto do braço em direção às trevas a sul.

As faixas que se dirigem a leste estão pejadas de viaturas fumegantes, mas pode ver-se uma pequena brecha — talvez da largura do Suburban, ou um pouco mais larga — entre a berma de cascalho e as linhas de pinheiros ao longo da autoestrada. As chuvas recentes, combinadas com o combustível que se derramou do camião cisterna, empaparam a terra junto à faixa de rodagem. Mas o Suburban é um veículo grande e pesado, com pneus largos, e o Philip já o meteu em terrenos muito piores.

— É muito inclinado, Philly — diz o Nick, limpando a matéria cinzenta da parte de dentro do para-brisas com uma toalha muito suja.

— Sim, eu também acho — diz o Brian das sombras do assento traseiro, com o braço em torno da Penny, e os traços angustiados do seu rosto bem visíveis à luz trémula das chamas. — Sou da opinião de que devemos regressar à última saída da autoestrada.

— Mas não sabemos o que vamos encontrar na 278, e pode até ser pior do que isto.

— Não temos a certeza disso — diz o Nick.

— Temos de seguir em frente.

— Mas e se as coisas estiverem piores na cidade? À medida que nos aproximamos, parece que tudo vai piorando.

— Ainda estamos a uns vinte e cinco ou trinta quilómetros de Atlanta. Não sabemos peva do que se passa lá.

— Não sei, Philly.

— Fazemos assim — diz o Philip. — Eu vou dar uma vista de olhos?

— O que queres dizer?

Ele pega na arma.

— Vou apenas dar uma vista de olhos.

— Espera! — corta o Brian. — Philip, então? Temos de nos manter unidos!

— Vou só ver como está o terreno, e ver se podemos seguir por ali.

— Papá... — A Penny começa a dizer algo, mas depois muda de ideias.

— Está tudo bem, fofinha. Eu volto já.

O Brian olha pela janela, sem grande convicção.

— Nós tínhamos concordado todos em mantermo-nos unidos. Acontecesse o que acontecesse. Como é, meu?

— Demoro só uns dois minutos.

O Philip abre a porta, e enfia a Ruger por dentro do cinto.

O ar frio e o som das chamas crepitantes e o odor a ozono e borracha queimada penetram no interior do Suburban como visitantes indesejados.

— Fiquem descansados, volto já.

Sai do carro.

A porta fecha-se com estrondo.

O Brian permanece sentado no silêncio do Suburban por uns segundos, a ouvir as batidas do seu coração contra o peito. O Nick está a olhar para todas as janelas da viatura, perscrutando a zona mais próxima deles, que se anima de sombras dançantes. A Penny fica muito quieta. O Brian olha para ela. A menina parece estar a encolher, a fechar-se sobre si mesma, como uma pequena flor noturna, contraíndo-se e fechando as pétalas.

— Ele já volta, miúda — diz-lhe o Brian. Sente imensa pena dela. Isto não está certo, uma criança como ela a passar por tudo isto, mas de certa forma o Brian sabe como ela se sente. — Ele é duro de roer, o Philip. Dá cabo de qualquer monstro que lhe apareça pela frente, acredita.

Do assento da frente, o Nick volta-se e dirige-se à menina.

— Ouve o que o teu tio te está a dizer, querida. É verdade. O teu papá sabe cuidar dele e de todos nós.

— Uma vez, vi o teu pai a apanhar um cão raivoso — diz o Brian. — Tinha uns dezanove anos, e havia um pastor alemão a aterrorizar os miúdos do bairro.

— Eu lembro-me disso — diz o Nick.

— O teu papá foi atrás dele, e o cão até espumava da boca, perseguiu-o até ao leito seco do ribeiro e lutou com ele. Depois atirou-o para dentro de um bidão do lixo.

— Lembro-me muito bem disso — diz o Nick. — Agarrou nele, atirou-o por cima do leito e depois enfiou-lhe o bidão por cima, como se estivesse a apanhar uma mosca.

O Brian baixa-se um pouco e afasta docemente uma madeixa de cabelo do rosto da menina.

— Ele fica bem, querida. . . Acredita em mim. É um *muchacho* duro de roer.

Lá fora, um pedaço do camião a arder cai no asfalto. O barulho fá-los saltar nos assentos. O Nick olha para o Brian.

— Meu, importas-te de alcançares aquele saco junto ao arco da roda?

— O que é que queres? — pergunta o Brian, devolvendo-lhe o olhar.

— Uma dessas armas.

O Brian fica a olhá-lo uns segundos, e depois volta-se para trás e inclina-se por cima do encosto. Descobre o saco de pano alongado metido entre um saco térmico e uma mochila. Abre o fecho e encontra uma das Marlin modelo 55.

— Precisas de cartuchos também? — pergunta enquanto passa a caçadeira por cima do encosto do assento.

— Acho que já está carregada — responde-lhe o Nick, abrindo a arma e inspecionando a culatra.

Pela forma como o Nick mexe na arma, o Brian consegue ver que ele sabe o que faz, deve ter já andado à caça, ainda que nunca o tenha visto fazê-lo. O Brian nunca fora do tipo de participar nas atividades viris do seu irmão mais novo e dos amigos deste, ainda que, secretamente, sempre desejasse ser capaz de o fazer.

— Dois cartuchos na culatra — diz o Nick, fechando a caçadeira.

— Tem cuidado com isso, está bem? — diz o Brian.

— Costumava caçar javardos com uma destas meninas — continua o Nick, e trava a arma.

— Javardos?

— Sim. . . javardos. . . Lá na reserva de Chattahoochee. Costumava sair de noite para caçar com o meu pai e o meu tio Verne.

— Estás a falar de porcos — diz o Brian, incrédulo.

— Sim, basicamente. Um javardo é um porco selvagem. Podem ser mais antigos do que os porcos domésticos, talvez, não sou. . .

Outro barulho de choque metálico se faz ouvir lá fora.

O Nick vira instintivamente o cano da arma na direção do ruído, com o dedo encostado ao gatilho e os dentes a ranger em tensão. Nada se move do outro lado da janela. Os músculos relaxam e ouve-se um longo suspiro de alívio do Nick. O Brian vai para dizer algo:

— Temos de nos por a mexer daqui antes que. . .

Outro ruído.

Desta vez vem do lado do assento do condutor, um arrastar de pés. E, antes sequer de conseguir identificar a figura envolta em sombras que se

aproxima da janela do condutor do Suburban, o Nick gira o cano da Marlin e aponta-o à janela, e está quase a disparar um par de boas-vindas de calibre .20 quando uma voz familiar grita de fora do carro.

— PORRA!

O Philip aparece apenas por um instante do lado de fora da janela, antes de se baixar e desviar da linha de fogo.

— Meu Deus! Desculpa! Desculpa! — diz o Nick, reconhecendo imediatamente o seu erro.

A voz do Philip do outro lado é mais baixa agora, mais controlada, mas ainda cheia de raiva.

— Queres fazer o favor de deixar de apontar essa coisa para a janela?

O Nick baixa o cano.

— Desculpa, Philly, enganei-me. Desculpa.

A porta abre-se e o Philip volta a entrar no carro, respirando fundo e com o rosto brilhante e húmido. Fecha a porta e exala longamente.

— Nick...

— Philly, desculpa... Estou um bocado nervoso.

Durante uns segundos, o Philip dá a impressão de querer arrancar a cabeça do outro homem, mas depois a raiva dissipa-se.

— Estamos todos um bocado agitados... Tudo bem.

— Desculpa, a sério.

— Tens de prestar atenção.

— Eu sei, eu sei, é o que vou fazer.

— O que descobriste? — pergunta o Brian.

O Philip leva a mão à alavanca das mudanças.

— Uma forma de contornarmos esta bagunça. — Aciona a tração às quatro rodas e puxa a alavanca. — Segurem-se.

Gira o volante e a viatura faz uma curva lenta sobre o piso de asfalto coberto de pedaços de vidro partido. Os estilhaços estalam debaixo do peso dos enormes pneus do Suburban, e ninguém diz nada, mas o Brian está a pensar na possibilidade de um furo.

O Philip aponta a viatura na direção do separador, uma estreita faixa de terra repleta de capim alto e ervas daninhas, e as rodas traseiras agarram-se à terra revolta. Quando se aproximam do outro lado, o Philip põe prego a fundo e o Suburban arranca através das faixas de rodagem que seguem para leste.

Com as mãos coladas ao volante à medida que se aproximam da berma, o Philip grita.

— Segurem-se!

De repente, sentem-se a mergulhar num declive de ervas lamacentas.

O Suburban inclina-se para o lado, como um navio que está prestes a afundar-se. O Brian segura a Penny, e o Nick agarra-se ao banco. Dando uma guinada no volante, o Philip acelera.

Com ramos de árvore a raspar no seu flanco, a viatura dirige-se para uma estreita fenda por entre os destroços. As rodas traseiras viram-se de lado e depois afundam-se na lama. O Philip debate-se com o volante. Toda a gente sustém a respiração, enquanto o Suburban se esgueira pela abertura.

Quando emergem do outro lado, todos gritam de alegria. O Nick dá uma palmada nas costas do Philip, e o Brian dá vivas triunfais. Até a Penny parece animar-se um pouco, e a sombra de um sorriso forma-se nos cantos dos seus lábios em forma de tulipa.

Através do para-brisas, conseguem ver o emaranhado de veículos na escuridão à sua frente — uns vinte carros, pelo menos, misturados com SUVs e camiões de pequenas dimensões, ao longo das faixas em direção a oeste — a maior parte deles já em estado de sucata. Todos abandonados, e de muitos resta apenas a carcaça. As viaturas vazias estendem-se por uns noventa metros.

O Philip afunda o pé no acelerador, e manobra com agressividade o veículo, fazendo-o regressar à estrada. Gira o volante. A traseira sacode de um lado para o outro.

Algo está mal. O Brian sente a perda de tração por baixo deles como uma vibração na espinha, e o motor entra subitamente em rotação acelerada.

A alegria esfuziante apaga-se de repente.

O carro está emperrado.

Por uns instantes, o Philip mantém o pé bem fundo no pedal, empurrando a viatura com as nádegas, como se a sua simples força de vontade e raiva — e o aperto dos seus músculos do esfíncter — conseguissem pôr o raio da máquina em movimento. Mas o Suburban continua a virar para o lado. Em breve, a viatura tem as quatro rodas em rotação, atirando ao ar jatos simétricos de lama na escuridão iluminada pela Lua.

— FODA-SE! FODA-SE! FODA-SE! FODA-SE!

O Philip dá um murro no volante, com força suficiente para o partir e deixar o seu braço com uma dor aguda. Está quase a furar o chão do carro com o pé no pedal, e o motor guincha.

— Deixa, meu! — grita o Nick por cima do ruído. — Estamos a afundar-nos ainda mais!

— FODA-SE!

O Philip retira o pé do acelerador.

O motor abranda, e o Suburban, como um barco que se afunda no mar alto, inclina-se para o lado.

— Temos de empurrar — diz o Brian depois de um momento de silêncio tenso.

— Fica ao volante — diz o Philip para o Nick, abrindo a porta e saindo. — Dá-lhe fundo quando eu disser. Vamos, Brian.

O Brian abre a porta de trás, esgueira-se para fora e junta-se ao irmão sob o brilho dos faróis da traseira.

Os pneus traseiros estão afundados uns quinze centímetros na lama imunda e os capôs laterais traseiros estão salpicados de lama. As rodas da frente não estão em melhor estado. O Philip coloca as suas mãos grandes e nodosas num dos lados da porta da bagageira e o Brian move-se para o lado oposto, abrindo as pernas e inclinando-se para a frente para conseguir uma melhor tração na lama.

Nenhum dos dois repara nas figuras negras que saem de entre as árvores no outro lado da autoestrada.

— Agora, Nick! — grita o Philip e empurra com toda a sua força.

O motor rosna.

As rodas giram, cuspidando fontes de lama, enquanto os irmãos Blake empurram uma e outra vez. Empurram com tudo o que têm, mas sem qualquer resultado, enquanto as figuras atrás deles se aproximam e arrasam com lentidão.

— Outra vez! — grita de novo o Philip, pondo todo o seu peso atrás das mãos.

A roda traseira gira violentamente, afundando-se ainda mais no lodaçal, e o Brian é borrifado com uma camada de lama.

Atrás dele, movendo-se no meio de uma neblina de fumo e sombras, os visitantes indesejados cerram as distâncias até uns quarenta metros, pisando os bocados de vidro partido com os movimentos lentos, preguiçosos e desajeitados de lagartos feridos.

— Volta para o carro, Brian! — A voz do Philip mudou de repente, e ficou mais grave e uniforme. — Já.

— O que foi?

— Vai para o carro. — O Philip abre a bagageira, fazendo gemer as dobradiças, e procura algo lá dentro. — Não faças perguntas.

— Mas o que se...

As restantes palavras ficam presas na garganta de Brian quando a sua visão periférica capta as silhuetas de uma dúzia — talvez mais — de figuras enegrecidas, vindas de todas as direções e cercando-os.

SEIS

As figuras aproximam-se vindas do separador da autoestrada, de trás dos destroços em chamas e do arvoredo adjacente. São de todas as formas e feitios, rostos da cor de argamassa, olhos brilhando no escuro como berlindes iluminados pelas chamas. Alguns estão queimados, outros estão em farrapos. Há uns tão bem vestidos e aprumados que parecem saídos de uma igreja. A maioria tem o lábio inferior curvado e a exposição dos incisivos típicos da fome insaciável.

— Merda! — O Brian olha para o seu irmão. — Que é que vais fazer? Estás a pensar fazer o quê?

— Põe-te no carro, Brian!

— Merda, merda!

O Brian contorna à pressa o carro até à porta lateral, abre-a e enfia-se no assento ao lado da Penny, que olha em volta, aturdida.

— Tranca as portas, Nick! — diz o Brian depois de fechar a porta do seu lado e de a trancar.

— Vou ajudá-lo...

O Nick pega na sua caçadeira e abre a porta, mas para abruptamente quando ouve o estranho som da voz inexpressiva, fria e metálica do Philip através da porta da bagageira aberta.

— Eu trato disto. Faz o que ele diz, Nick. Tranca as portas e baixa-te.

— São tantos!

O Nick tem já o polegar nos dois cães da Marlin e a sua perna direita está já fora do carro, com a bota pousada no chão.

— Fica dentro do carro, Nick!

O Philip está à procura de um par de pequenos machados de lâmina dupla de cortar canhotas. Uns dias antes encontrara-os num barracão de jardim nos Wiltshire Estates — dois utensílios rigorosamente iguais, um perfeito equilíbrio em duas lâminas de aço carbono — e perguntara-se na altura para que queria um ricaço gordo e anafado (que certamente pagaria a alguém para lhe cortar a lenha) um par daqueles machados de lâmina dupla.

No banco da frente, o Nick põe a perna dentro do carro, fecha a porta e tranca-a. Vira-se, com os olhos em brasa e a arma nos braços.

— Mas que caralho? Que é que estás a fazer, Philly?

A porta da bagageira fecha com estrondo.

O interior da viatura fica num silêncio opressor.

O Brian olha para a criança.

— Acho que devias deitar-te no chão do carro, miúda.

A Penny não diz uma palavra e começa a deslizar pelo assento abaixo até ficar deitada em posição fetal. Há algo na sua expressão, nos seus olhos enorme e doces que revela uma aguda consciência do que se está a passar, algo que atinge o Brian e lhe aperta o coração. Dá uma palmadinha no ombro da menina.

— Isto já passa.

Depois vira-se para trás sobre o assento, e, por cima da tralha na bagageira, olha através do vidro da porta traseira.

O Philip tem um machado em cada mão, e está a dirigir-se calmamente para o grupo de zombies que convergem para o local.

— Meu Deus — murmura o Brian por entre a respiração.

— O que é que ele está a fazer, Brian?

A voz do Nick é aguda e tensa, e as suas mãos tocam nervosamente na Marlin.

O Brian é incapaz de responder porque a sua atenção está suspensa da horrível visão que lhe chega através da janela.

Não é bonito de se ver. Não é gracioso, nem tem estilo. Não é algo heroico ou viril, nem sequer é bem executado. Mas sabe muito bem.

— Eu trato disto — diz o Philip para consigo, respirando energicamente, antes de lançar o primeiro golpe ao que estava mais perto, um homem corpulento num macacão típico de agricultor.

O machado arranca um naco do crânio do gordo do tamanho de uma toranja, e o golpe provoca um esguicho de líquido cor de rosa no ar da noite. O zombie cai por terra. Mas o Philip não para. Antes que o próximo chegue perto dele, atira-se ao corpo enorme e flácido que jaz no chão, levando as frias lâminas que gira em cada mão até bem fundo na carne morta.

— Minha será a vingança, eu retribuirei, disse o Senhor!

Sangue e outros tecidos jorram como fontes. A cada golpe dos machados que raspa no asfalto, veem-se faíscas.

— Eu trato disto, eu trato disto, eu trato disto — murmura o Philip para si mesmo, deixando toda a raiva e o remorso acumulados sair num dilúvio de golpes metálicos. — Eu trato disto, eu trato disto, eu trato disto...

Por esta altura, outro mortos-vivos estão por perto — um homem jovem e magro com uma gosma preta a pingar-lhe dos beiços, uma mulher gorda com o rosto inchado e em decomposição, um tipo com um fato cheio de sangue — e o Philip deixa o corpo mutilado no chão e dirige-se aos outros. Solta grunhidos a cada golpe que desfere — EU TRATO DISTO! — rachando crânios — EU TRATO DISTO! — cortando artérias carótidas — EU TRATO DISTO! — deixando a sua raiva guiar o aço através de cartilagens, ossos e cavidades nasais — EU TRATO DISTO! — com o sangue e os fluidos cerebrais a borrifarem o seu rosto enquanto se lembra das garras caninas raivosas a espumarem e a atacarem-no quando era miúdo, de Deus a levar-lhe a Sarah e dos monstros a levarem o seu melhor amigo, o Bobby Marsh — EU TRATO DISTO! EU TRATO DISTO! EU TRATO DISTO!

Dentro do Suburban, o Brian afasta os olhos da cena que se desenrola no exterior, tosse e sente o seu estômago a dar voltas com os sons horripilantes que chegam lá de fora e penetram o interior da viatura. Tenta conter o impulso de vomitar. Baixa-se e pousa suavemente a mão sobre o ouvido da Penny, um gesto que, infelizmente, se vai tornando rotineiro.

No banco da frente, o Nick não consegue desviar os olhos da carnificina atrás deles. No seu rosto o Brian consegue ver uma mistura estranha de repulsa e admiração — uma espécie de reverência que diz “graças a Deus que ele está do nosso lado” — mas isso só o deixa ainda mais agoniado. Não vai vomitar, raisparta, vai pensar na Penny e ser forte!

Desce do banco para o chão e aperta a menina junto a si. Ela está mole e suada. O cérebro do Brian nada em águas revoltas.

O seu irmão é tudo para ele. O seu irmão é a solução para tudo. Mas algo se está a passar com o Philip, algo horrível, e que está a começar a incomodar o Brian. Quais são as regras deste combate? Estas abominações ambulantes merecem tudo o que o Philip lhes está a dar... mas até onde exatamente devem eles ir?

O Brian está a tentar afastar estes pensamentos quando nota que os ruídos da matança acabaram. Depois ouve os passos de alguém com botas pesadas junto à porta do condutor. A porta abre-se.

Philip Blake entra no Suburban, pousando os machados sangrentos no chão aos pés do Nick.

— Vão vir mais — diz, quase sem fôlego, o seu rosto repleto de gotas de suor. — O tiro acordou-os.

O Nick espreita pela janela traseira na direção do campo de batalha pedado de corpos, que as chamas do incêndio iluminam, e a sua voz sai numa combinação monocórdica de respeito e nojo.

— Em cheio, meu... Em cheio!
— Temos de sair daqui — diz o Philip, limpando o suor do nariz, tentando recuperar o fôlego e olhando para o retrovisor, em busca da Penny nas sombras do banco traseiro, como se nem tivesse ouvido o Nick.
— Qual é o plano, Philip? — pergunta o Brian.
— Temos de encontrar um sítio seguro para passarmos a noite.
O Nick olha para o Philip.
— O quê? Quer dizer, um sítio que não seja o Suburban...?
— É demasiado perigoso ficarmos aqui nesta escuridão.
— Sim, mas...
— Tiramolo da lama amanhã de manhã.
— Sim, mas e...
— Agarrem em tudo o que precisarem para passar a noite — diz o Philip, pegando na Ruger.
— Espera! — o Nick agarra o braço do Philip. — Estás a falar de abandonarmos o carro? Deixarmos tudo aqui?
— Só para passarmos a noite. Vamos.
O Philip abre a porta e sai.
O Brian suspira e olha para o Nick.
— Cala-te e ajuda-me com as mochilas.

Nessa noite, acampam a uns quatrocentos metros a oeste do camião cisterna tombado, dentro de um autocarro escolar amarelo abandonado em cima da berma da estrada, iluminados pelo brilho frio de um candeeiro de luz de vapor de sódio.

O autocarro está ainda razoavelmente quente e seco, e está suficientemente alto para que tenham uma boa visibilidade dos bosques em redor e dos dois lados da autoestrada. Tem duas portas, uma à frente e outra atrás, que permitem uma fuga fácil. Além disso, os bancos são almofadados e largos o suficiente para que possam deitar-se neles e descansarem o que puderem. As chaves estão ainda na ignição e a bateria ainda tem potência.

Lá dentro cheira ao interior de uma lancheira velha, como se por ali andassem os fantasmas de miúdos suados e indisciplinados, enchendo o ar bolorento de uma mistura de odor corporal e luvas molhadas.

Comem um pouco de fiambre condimentado e sardinhas e umas bolachas de pão pita de aspeto caro, que certamente se destinavam a adornar tabuleiros em festas e lanches no campo de golfe. Usam lanternas, tendo o cuidado de não as apontarem às janelas, e por fim estendem os sacos-cama sobre os bancos para dormirem, ou tentarem.

Fazem turnos de vigia na cabine do condutor com uma das Marlin, re-

correndo aos enormes espelhos retrovisores laterais para terem uma visão perfeita do que se passa nas traseiras do autocarro. O Nick é o primeiro, e durante quase uma hora tenta sem sucesso encontrar uma estação no rádio portátil. O mundo desligou-se, mas pelo menos esta secção da Interstate 20 está igualmente calma. Não há nada a assinalar na orla do bosque.

Quando toca ao Brian, ele apenas consegue dormir uns minutos num banco que não para de ranger, na parte de trás do autocarro, e é com prazer que ocupa o seu lugar na cabine, junto às alavancas, os ambientadores em forma de pinheiro que pendem do retrovisor e uma fotografia plastificada de um bebé, certamente o filho de um dos condutores. Não que o Brian se sinta muito confortável com a ideia de ser o único a estar acordado ou, já agora, de ter de disparar a caçadeira. Mas o que ele quer agora é algum tempo para pensar.

Pouco antes do nascer do Sol, nota que a respiração da Penny — quase impercetível com o assobiar do vento que entra pelas frestas das janelas — fica mais irregular e intensa. A menina está deitada a algumas cadeiras de distância da cabine, junto ao pai.

Agora ela está sentada sobre o assento, e lança um suspiro inaudível.

— Oh... Já percebo... Quer dizer... — A sua voz não passa de um sussurro. — Acho que já percebo.

— Chiu! — sussurra o Brian, levantando-se da cadeira, e espreitando na direção da pequenita. — Está tudo bem, miúda... O tio Brian está aqui.

— Hmm.

— Está tudo bem... Chiu... Não acordes o teu pai.

O Brian olha para o Philip, que está envolto num cobertor, com o rosto contorcido por sonhos perturbadores. Bebeu uns golos de brandy antes de se deitar para facilitar o sono.

— Estou bem — diz a Penny numa vozinha de rato, olhando para o pinguim de peluche que segura nas suas mãozitas, apertando-o como um talismã. O boneco está sujo e muito maltratado, e a visão daquilo dá um aperto no coração do Brian.

— Sonhos maus?

A Penny anui com a cabeça.

O Brian olha para ela e pensa.

— Tenho uma ideia. Porque não vens para aqui e me fazes um bocadinho de companhia?

Ela volta a anuir.

Ele ajuda-a a levantar-se e, depois de a cobrir com um cobertor e de lhe dar a mão, leva-a silenciosamente com ele até à cabine. Baixa um pequeno assento auxiliar junto à cadeira do condutor.

— Ora aqui está — diz ele, dando uma palmada no cabedal coçado do assento. — Vais ser o meu copiloto.

A Penny ajeita-se em cima do assento, com o cobertor bem apertado em volta dela e do pingim.

— Estás a ver aquilo? — O Brian aponta para um pequeno e sujo monitor de vídeo acima do painel de comandos, do tamanho de um livro de bolso, no qual uma imagem a preto e branco e cheia de grão revela a autoestrada atrás deles. O vento bate nas árvores e a luz das lâmpadas de sódio reflete-se nos tejadilhos dos carros abandonados. — É uma câmara de segurança, para proteção, sabes?

A menina olha para o monitor.

— Aqui estamos a salvo, miúda — diz o Brian da forma mais convincente que pode. No início do seu turno tinha conseguido encontrar uma forma de ligar a ignição em modo acessório, fazendo acender as luzes do painel como se de uma velha máquina de *flippers* se tratasse. — Está tudo controlado.

A menina acena com a cabeça.

— Queres contar-me como foi? — pergunta muito cuidadosamente o Brian.

A Penny parece confusa.

— Como foi o quê?

— O pesadelo. Às vezes, ajuda... contar a alguém, sabes? Faz o pesadelo ir embora... Puf!

Ela encolhe os ombros debilmente.

— Sonhei que ficava doente.

— Doente como... aquelas pessoas lá fora?

— Sim.

O Brian suspira longamente, profundamente, e com alguma angústia.

— Ouve, miúda. Seja o que for que estas pessoas tenham, nós não vamos ter também. Entendes? O teu papá não vai deixar isso acontecer, nem pensar. *Eu* não vou deixar que isso aconteça.

Ela anui.

— Tu és muito importante para o teu papá. E é muito importante para mim.

O Brian sente de repente um puxão inesperado no peito, sente que as palavras não conseguem sair, e um ardor nos olhos. Pela primeira vez desde que saiu da casa dos seus pais, há uma semana e meia, apercebe-se do quanto esta pequenita representa para ele.

— Tenho uma ideia — diz ele, depois de conseguir controlar a emoção. — Sabes o que é uma palavra-passe?

A Penny fica a olhar para ele.

— É como um código secreto?

— Isso mesmo. — O Brian molha com a língua a ponta do seu dedo e, com ele, limpa uma mancha de sujidade do rosto dela. — Tu e eu vamos ter uma palavra-passe.

— OK.

— É um código muito especial, ouviste? A partir de agora, sempre que eu disser esta palavra secreta, tens de fazer algo para mim. Consegues? Consegues lembrar-te de fazer sempre algo quando eu te der a palavra-passe?

— Acho que sim...

— Sempre que eu te disser essa palavra, quero que feches os olhos.

— Fechar os olhos?

— Sim. E tapares os ouvidos também. Até que eu te diga que já podes olhar outra vez. Está bem? E há mais uma coisa.

— OK.

— Sempre que eu te disser o código secreto... quero que te lembres de algo.

— De quê?

— Quero que te lembres que vai chegar o dia em que não vais ter de voltar a tapar os olhos. Vai chegar o dia em que tudo vai melhorar e não vai haver mais pessoas doentes. Percebeste?

— Percebi — responde ela, anuindo mais uma vez com a cabeça.

— E agora... qual vai ser a palavra secreta?

— Queres que eu escolha?

— Claro! É o teu código secreto, deves ser tu a escolher.

A pequenita enruga o nariz enquanto pensa numa palavra. A visão dela a pensar — com tanta intensidade que dir-se-ia que estava a calcular o teorema de Pitágoras — comove-o de novo.

Por fim, ela olha para o Brian e, pela primeira vez desde que a peste começou, pode ver-se um brilho de esperança nos olhos dela.

— Já sei! — Ela sussurra a palavra ao ouvido do animal de peluche e depois olha para cima. — O pinguim gosta.

— Porreiro! Não me deixes em suspense...

— *Longe* — diz ela. — A palavra secreta vai ser *longe*.

A aurora cinzenta chega por etapas. Primeiro, uma calma lúgubre desce sobre a autoestrada, com o vento a deixar de investir contra as árvores, e então um brilho luminoso e pálido nos contornos da floresta acorda-os e fá-los levantarem-se.

A sensação de urgência é palpável. Sentem-se nus e expostos sem a

sua viatura, por isso todos se concentram na tarefa imperativa: arrumar as coisas, regressar ao Suburban e tirá-lo daquele atoleiro.

Fazem os quatrocentos metros de regresso à viatura em quinze minutos, levando com eles os sacos-cama e a comida que restou nas mochilas. Encontram apenas um zombie no caminho, uma adolescente que deambula por ali, e o Philip acaba facilmente com ela com um golpe certo no crânio, enquanto o Brian sussurra a palavra secreta à Penny.

Quando chegam ao Suburban, trabalham em silêncio, sempre alerta para as sombras nos bosques adjacentes. Primeiro tentam empurrar com o Nick e o Philip apoiados na traseira e o Brian a puxar pelo motor no banco do condutor e com uma perna de fora a ajudar, mas não resulta. Depois procuram na área em redor por algo que possa ajudar a tração das rodas traseiras. Leva-lhes uma hora mas lá acabam por encontrar um par de tábuas quebradas junto a uma vala de drenagem, e trazem-nas e enfiam-nas debaixo das rodas.

Isto também não resulta.

A lama por baixo do SUV parece estar tão saturada de humidade e resíduos pluviais e óleo e sabe Deus que mais que a viatura se vai afundando cada vez mais, e, com a inclinação, corre mesmo o risco de cair para trás no declive. Mas recusam dar-se por vencidos. Motivados por uma permanente ansiedade quanto a uns ruídos estranhos que chegam dos pinhais ali perto — ramos secos que se quebram, um ribombar quase impercetível à distância — e pelo horror infável perante a ideia de perderem todas as suas posses e mantimentos se o Suburban cair, nenhum deles quer enfrentar o facto de que a situação parece cada vez mais desesperada.

A meio da tarde, depois de trabalharem durante horas, almoçarem e voltarem à tarefa por mais umas duas horas, tudo o que conseguiram foi fazer com que o SUV esteja quase dois metros mais abaixo na ladeira, enquanto a Penny está sentada dentro da viatura, ora a brincar com o pingim, ora a colar o rosto aborrecido à janela.

Nessa altura, o Philip sai do poço de lama e olha para o horizonte a oeste.

O céu carregado começou a escurecer a caminho do pôr do Sol, e a perspectiva da chegada da noite fá-lo sentir um aperto no estômago. Coberto de lodo, empapado em suor, puxa de um lenço e limpa o pescoço.

Vai para dizer algo, quando outra série de ruídos vindos das árvores em volta atraem a sua atenção para sul. Durante todas aquelas horas, os ruídos de coisas a quebrar e a partir — talvez de passos, talvez não — aproximaram-se.

O Nick e o Brian, limpando as mãos com trapos, juntam-se ao Philip. Nenhum deles diz nada durante uns segundos. As expressões dos três ho-

mens refletem a dura realidade, e quando se ouve outro estalido vindo das árvores — tão alto como um tiro de pistola — é o Nick quem fala primeiro.

— É óbvio o que vai acontecer, não é?

O Philip mete o lenço no bolso.

— A noite vem aí não tarda.

— O que achas, Philly?

— É hora do plano B.

O Brian engole em seco, olhando para o irmão.

— Não sabia que *havia* um plano B.

O Philip devolve o olhar ao irmão e, por uns segundos, sente uma mistura bizarra de raiva, pena, impaciência e afeto. Depois olha para o velho e enferrujado Suburban, e sente uma pontada de melancolia, como se estivesse prestes a dizer adeus a outro velho amigo.

— Há agora.

Extraem o combustível do Suburban para os bidões de plástico que trouxeram de Wiltshire. Depois têm sorte ao encontrarem um Buick LeSabre de último modelo, enorme, com as chaves ainda na ignição, abandonado na berma da estrada, a uns duzentos metros a oeste de onde se encontravam. Entram no Buick e conduzem-no até junto do Suburban. Enchem-no de combustível e passam para ele todos os mantimentos com que conseguem encher a imensa bagageira da viatura.

Depois arrancam em direção ao pôr do sol, olhando todos para o Suburban encalhado, que se afasta à distância como um navio naufragado e esquecido.

Sinais do iminente apocalipse são agora visíveis de ambos os lados da autoestrada e com uma frequência alarmante. À medida que se vão aproximando da cidade, contornando com cada vez maior dificuldade os destroços dos carros abandonados, e que as árvores vão escasseando e vão dando lugar a um crescente número de enclaves residenciais, zonas comerciais e edifícios de escritórios, os indícios da destruição final estão por todo o lado. Passam por um Walmart, às escuras e completamente deserto, com as janelas partidas e um imenso monte de roupas e outras mercadorias espalhado pelo parque de estacionamento. Notam cada vez mais falhas de energia, comunidades inteiras envoltas em túmulos de escuridão e silêncio. Passam por centros comerciais destruídos por pilhagens, com avisos de estilo bíblico rabiscados nas paredes. Veem até um pequeno avião monomotor emaranhado no topo de uma torre elétrica gigante, ainda a fumegar.

Algures entre Lithonia e Panthersville, a traseira do Buick começa a vibrar seriamente, e o Philip apercebe-se de que furaram dois pneus. É possível que já estivessem furados quando se apoderaram do carro. Quem sabe? Mas não há tempo para tentar repará-los ou substituí-los, nem para discutir o assunto.

A noite aproxima-se de novo, e quanto mais perto estão dos subúrbios de Atlanta, mais destroços e carros abandonados encontram no seu caminho. Ninguém se atreve a dizê-lo em voz alta, mas estão todos a pensar se não chegariam mais rápido à cidade a pé. Até as artérias de duas faixas mais próximas, como Hillandale e Fairington, estão bloqueadas por carros vazios, alinhados como peças de dominó caídas no meio da estrada. A este ritmo, vão levar duas semanas a chegar ao centro da cidade.

É por isso que o Philip toma a decisão de abandonarem o Buick ali mesmo, porem às costas tudo o que conseguirem carregar e fazerem o resto do caminho a pé. Ninguém gosta da ideia, mas acatam a decisão. Estão a ficar cada vez melhores na comunicação por sussurros, gestos e pequenos acenos da cabeça, e o zumbido distante dos mortos, os sons que aumentam e diminuem alternadamente nas trevas para além da autoestrada, coados pelas árvores e pelos edifícios, deixa-os agora plenamente conscientes do perigo. O Philip tem as costas mais fortes, por isso leva o saco maior. O Nick e o Brian levam cada um uma mochila. Até a Penny concorda em levar uma pequena mochila com os sacos-cama.

O Philip leva a Ruger, os dois machados de lâmina dupla — enfiados de cada lado do cinto — e uma longa faca de mato para cortar arbustos, que enfia entre o saco de pano e a sua camisa de cambraia cheia de nódoas. O Brian e o Nick levam cada um uma Marlin ao ombro, e uma picareta enfiada nos lados das suas mochilas.

Começam a caminhar para oeste, e, dessa vez, ninguém olha para trás.

Uns quatrocentos metros mais abaixo, encontram um viaduto bloqueado por uma casa ambulante da Aistream em muito mau estado. A cabine está enfiada num poste telefónico. Todos os candeeiros daquela zona estão apagados, e, em plena escuridão, ouvem-se uma batidas surdas vindas de dentro do atrelado em ruínas.

Isto faz com que todos eles parem subitamente na berma elevada mesmo por baixo do viaduto.

— Meu Deus, pode ser alguém... — A frase do Brian é parada a meio pela visão do seu irmão a levar o dedo à boca.

— Chiiu!

— Mas e se...

— Cala-te! — O Philip inclina a cabeça para tentar ouvir melhor. A sua expressão é a de um monumento granítico. — Venham, por aqui!

Encaminha o grupo através de uma ladeira rochosa no extremo norte do cruzamento, e cada um deles desce-a cautelosamente, com o máximo cuidado para não escorregarem no cascalho húmido. O Brian fecha a fila, perguntando-se mais uma vez quais são as regras, e se não acabam de abandonar um ser humano em apuros.

Esses pensamentos são rapidamente postos em segundo plano quando atinge o fundo da ravina e penetra, com os outros, num terreno mais escuro.

Seguem para norte através da escuridão por uma estreita estrada de duas faixas chamada Miller Road. Em cerca de um quilómetro e meio de caminho, não veem outra coisa que não sejam áreas comerciais de pouca monta, e parques industriais e fundições completamente desertos e desolados, com placas tão crípticas como hieróglifos: Barloworld Handling, Atlas Tool and Die, Hughes Supply, Simcast Electronics, Peachtree Steel. As suas passadas ritmadas sobre o asfalto frio combinam com os ritmos da respiração ofegante. O silêncio começa a ter efeitos perniciosos nos seus nervos. A Penny está a ficar cansada. Ouvem ruídos de folhas a mexerem nos bosques que ficam para a direita.

Por fim, o Philip levanta o braço e aponta para um edifício fabril largo e baixo que se estende até onde conseguem ver.

— Este serve — diz num sussurro quase inaudível.

— Serve para *quê*? — diz o Nick, parando perto do Philip e ofegando.

— Para passarmos a noite — responde o Philip, sem qualquer pingão de emoção na voz.

Dirige o grupo em direção ao edifício, passando por uma placa baixa e não iluminada que diz GEORGIA PACIFIC CORPORATION.

O Philip entra pela janela do escritório. Ordenou que os outros se escondessem nas sombras perto da entrada enquanto ele abre caminho através dos corredores vazios e cheios de lixo em direção ao armazém no centro do edifício.

O lugar está escuro como uma cripta. O Philip sente as batidas do coração ecoarem nos ouvidos enquanto percorre rapidamente o caminho com os machados de lâmina dupla a seu lado. Liga o interruptor de uma das lâmpadas mas sem resultado. Quase nem nota o odor pungente da polpa de

madeira que enche o ar, um odor viscoso a seiva, e, quando chega às portas de segurança, abre-as lentamente com a ponta da bota.

O armazém tem as dimensões de um hangar de aviões, com gigantescos cavaletes de gruas móveis que pendem do teto, filas de enormes lâmpadas apagadas e um cheiro a papel bolorento tão forte como talco. Finas tiras de luar chegam do alto através de janelas de altura titânica. O piso está repleto de filas de altíssimos rolos de papel, de circunferência tão larga como a de sequoias, e tão brancos que parecem brilhar no escuro.

Há algo que se move por ali.

O Philip enfia os dois machados no cinto e pega na Ruger. Puxando o slide da pistola, eleva-a e aponta-a a uma figura sombria que cambaleia saída de trás de um dos rolos. O rato da fábrica caminha lenta mas sofregamente através das sombras na direção do Philip, com a frente do seu macacão enegrecida de sangue seco e bÍlis, e o seu rosto longo e indolente cheio de dentes a brilhar à luz da lua que entra pelas janelas.

Um tiro abate a criatura, e o eco reverbera nas paredes cavernosas do armazém como se fosse o interior de uma caldeira.

O Philip faz uma vistoria ao resto do armazém. Encontra mais dois zombies — um velho e gordo, certamente um antigo guarda-noturno pelo aspeto do seu uniforme sujo, e um mais novo — ambos saídos de trás de estantes.

Ao dar um tiro a cada um à queima-roupa no centro da cabeça, o Philip não sente absolutamente nada.

No regresso, através da entrada principal, descobre um quarto escondido nas sombras, esmagado por dois rolos de papel. A metade inferior do antigo operador de empilhadeira está enfiada entre os dois rolos, completamente desfeita, e todos os seus fluidos corporais estão espalhados e já secos no chão de cimento. A metade superior da criatura está animada por convulsões e abanões, e os seus olhos brancos e frios como leite estão estupidamente bem despertos.

— Então, pazinho, que se passa? — diz o Philip ao aproximar-se com a arma na cintura. — Mais um dia ganho, não é...?

O zombie morde impotentemente o espaço de ar entre o seu rosto e o do Philip.

— A precisar de uma pausa para almoçar?

Mais uma mordida.

— Come isto.

A explosão provocada pelo tiro da pistola ribomba de parede a parede no momento em que a bala penetra o osso orbital do operário, enegrecendo o olho até aí branco como leite e lançando no ar um pedaço do hemisfério parietal. O jato — uma mistura de sangue, tecidos e fluido cérebroespinal

— borrifa os rolos de papel branquíssimo por trás dele, enquanto a metade superior da criatura murcha e desfalece como um pedaço de massa cozida.

O Philip fica um momento a admirar a sua obra de arte — os filamentos escarlates naquela superfície imaculadamente branca — antes de regressar para junto dos outros.